



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

FACULDADE DE CIÊNCIAS DE DESPORTO E EDUCAÇÃO FÍSICA

**MESTRADO EM ENSINO DA EDUCAÇÃO FÍSICA NOS ENSINOS BÁSICO E
SECUNDÁRIO**

LUÍS CUNHAL HENRIQUES

**RELATÓRIO DE ESTÁGIO PEDAGÓGICO DESENVOLVIDO NA ESCOLA
BÁSICA Nº 2 DE SÃO SILVESTRE JUNTO DA TURMA 9º A NO ANO LETIVO DE
2011-2012**

COIMBRA

2012

LUÍS CUNHAL HENRIQUES 2010111312

**RELATÓRIO DE ESTÁGIO PEDAGÓGICO DESENVOLVIDO NA ESCOLA
BÁSICA Nº 2 DE SÃO SILVESTRE JUNTO DA TURMA 9º A NO ANO LETIVO DE
2011-2012**

Relatório Final apresentado à Faculdade de
Ciências do Desporto e Educação Física da
Universidade de Coimbra com vista à
obtenção do grau de Mestre em Ensino da
Educação Física nos Ensinos Básico e
Secundário

Orientador: Mestre Miguel Fachada

COIMBRA

2012

Esta obra deve ser citada como:
Henriques, L. (2012). *Relatório Final de Estágio*. Dissertação de Mestrado. Coimbra:
Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física, Coimbra, Portugal.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, pelos valores que me inculcaram ao longo de toda a vida, pelo percurso acadêmico de qualidade que me proporcionaram. Obrigado por apoiarem e respeitarem sempre as minhas decisões e fazerem de mim o homem que sou hoje.

À minha família por todo o apoio prestado ao longo destes anos e pela constante preocupação pelo meu sucesso.

Aos amigos do Núcleo de Estágio, André Santos, Marisa Amaral e Tiago Alves, pelas aprendizagens que me proporcionaram e por toda a boa disposição e alegria transmitida.

Ao Orientador da escola, professor Jacinto Silva, por todo o acompanhamento realizado ao longo deste ano e por todas as aprendizagens que me proporcionou.

Ao Orientador da Faculdade, Mestre Miguel Fachada, por toda a disponibilidade oferecida e por todos os conhecimentos transmitidos.

Aos alunos da Escola Básica Nº2 de S. Silvestre, em particular à turma do 9ºA, pelo respeito com que sempre me trataram e pela atitude colaboradora ao longo de todo o ano.

Aos meus amigos de Seia que estiveram sempre presentes em todos os momentos.

A todos aqueles que conheci ao longo do meu percurso académico e guardo amizade: amigos do Porto, de Florianópolis e de Coimbra, que sempre me apoiaram e contribuíram para o meu sucesso académico.

À minha namorada pelo apoio e compreensão mesmo nos momentos mais difíceis.

A todos os que de forma direta ou indireta contribuíram para a minha formação académica e contribuíram para que esta fosse finalizada com sucesso.

“E, no entanto, nenhum pedagogo ignora, na sua prática diária, que uma aula dada não é uma aula recebida, o que, aliás, pode ser testemunhado pelos procedimentos de controlo. Não ignora que, sem “contacto”, sem “motivação” da parte dos alunos, sem “autoridade”, qualquer projeto pedagógico caminha para a ruina”.

Filloux

RESUMO

O Estágio Pedagógico apresenta-se como o culminar de um percurso académico onde o aluno é colocado na situação de professor e tem a oportunidade de confrontar a teoria com a prática, enfrentando a realidade. O presente Relatório Final de Estágio Pedagógico foi realizado no âmbito do 2º ano de Mestrado nos Ensino Básico e Secundário da Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra, constituindo uma reflexão do trabalho desempenhado enquanto professor estagiário na Escola Básica Nº2 de S. Silvestre no ano letivo de 2011/2012. Após o fim desta etapa, torna-se essencial refletir acerca do trabalho desenvolvido e das experiências vivenciadas, realizando assim um balanço crítico. Deste Relatório Final consta também o aprofundamento do tema/problema “A inclusão dos alunos com Necessidades Educativas Especiais na aula de Educação Física”. Ao longo deste Estágio Pedagógico, enquanto na função de docente de Educação Física, este tema apresentou-se como uma questão dilemática, sendo assim alvo de reflexão e pesquisa.

Pretendo assim transmitir através desta reflexão as experiências vivenciadas na realidade profissional bem como as dificuldades e aprendizagens subjacentes.

Palavras-chave: Relatório Final. Estágio Pedagógico. Aprendizagens. Ensino Inclusivo. Alunos. Educação Física.

ABSTRACT

The Pedagogical internship represents the culmination of an academic course, where the student is placed on the position of teacher and has the opportunity to confront theory with practice, facing reality. This Final Report of Pedagogical internship was conducted within the second year of the graduation on Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário of the Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra and is a reflection of the work performed as a trainee teacher at Escola Básica N°2 de S. Silvestre in the academic year of 2011/2012. After the end of this stage, it's essential to reflect on the experiences and the work developed, thus performing a critical review. In this Final Report is also included the review of an issue/problem "Inclusion of children with disabilities in the Physical Education class". Throughout this Pedagogical internship, while in the role of Physical Education teacher, this issue was seen as an unsolved question that should be subject of research and reflection.

Through this reflection I tend to transmit the lived experiences in the professional reality as well as the underlying difficulties and learning.

Keywords: Final Report. Pedagogical internship. Learning. Inclusion. Students. Physical Education.

SUMÁRIO

1. Introdução.....	11
2. Expetativas e opções iniciais em relação ao estágio.....	12
3. Caracterização do contexto	14
3.1. Corpo Docente	14
3.2. Grupo de Educação Física.....	15
3.3. Núcleo de Estágio	16
3.4. Orientador da Escola.....	16
3.5. Orientador da Faculdade.....	17
3.6. Recursos para a prática de Educação Física.....	18
3.7. Turma.....	18
4. Descrição das atividades desenvolvidas	19
4.1. Planeamento	19
4.2. Realização	23
4.3. Avaliação.....	28
4.4. Componente ético-profissional.....	32
4.5. Justificação das Opções Tomadas.....	33
5. Reflexão Final.....	37
5.1. Aprendizagens Realizadas.....	37
5.2. Compromisso com as aprendizagens	40
5.3. Inovação nas práticas pedagógicas	42
5.4. Dificuldades sentidas e estratégias de resolução	43
5.5. Dificuldades a resolver no futuro ou formação continua.....	46
5.6. Capacidade de iniciativa e responsabilidade	47
5.7. Importância do trabalho individual e de grupo.....	48
5.8. Questões Dilemáticas	49
6. Conclusões referentes à formação inicial	50
6.1. Impacto do Estagiário na Realidade do Contexto Escolar	50
6.2. Prática Pedagógica Supervisionada.....	51
7. Aprofundamento de tema/problema – “A inclusão de alunos com necessidades educativas especiais na aula de Educação Física”	52
7.1. Justificação da Escolha do tema.....	52

7.2. Enquadramento do surgimento dos Alunos com Necessidades Educativas Especiais na Escola regular	54
7.3. Reflexão sobre a inclusão dos alunos na Escola Regular:.....	56
7.4. Estratégias adotadas ao longo do ano letivo.....	57
7.5. Avaliação e controlo do progresso dos alunos com necessidades educativas especiais	59
7.6. Adaptações na aula de Educação Física	60
7.7. Alunos NEE versus Turma	62
7.8. Recomendações finais	64
8. Conclusão.....	68
9. Referências Bibliográficas	70

Luís Cunhal Henriques, aluno nº 2010111312 do Mestrado em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário da Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra, venho declarar por minha honra que este Relatório Final de Estágio constitui um documento original da minha autoria, não se inscrevendo, por isso, no definido na alínea s do artigo 3º do Regulamento Pedagógico da FCDEF.

1. INTRODUÇÃO

O Relatório Final surge no âmbito do término do Estágio Pedagógico inserido no 2º ano do Mestrado em Ensino da Educação Física do Ensino Básico e Secundário da Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra. Este documento apresenta-se como uma descrição e reflexão do trabalho e desempenho de funções realizados ao longo do ano letivo 2011/2012. Para além dos pontos referidos, deste Relatório Final também faz parte um Aprofundamento de um tema/problema.

Esta etapa foi desenvolvida na Escola Básica Nº2 de S. Silvestre – Coimbra, sendo o núcleo de estagiários constituído por mim e pelos meus colegas André Santos, Marisa Amaral e Tiago Alves. A atividade desenvolvida pelo núcleo de estágio enquanto docentes de Educação Física foi orientada pelo Professor Orientador da Escola Jacinto Silva e pelo Professor Orientador da Faculdade Miguel Fachada, docente da Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra.

O Estágio Pedagógico constitui o culminar de toda uma formação académica e ao mesmo tempo a etapa inicial da vida profissional. Esta etapa representa a confrontação da teoria com a prática, onde o aluno se transforma em professor, de uma forma supervisionada e acompanhada.

Enquanto experiência, este momento da vida académica apresenta-se como um momento de grande aprendizagem. Esta etapa essencial na formação enquanto docente de Educação Física surge como um percurso longo e árduo, repleto de obstáculos e dificuldades que após ultrapassadas se tornam aprendizagens enriquecedoras para o futuro, para a vida profissional.

Este Estágio pretende proporcionar ao Estagiário um conjunto alargado de situações que lhe permitam compreender e adquirir competências relativas à sua prática Pedagógica enquanto docente de uma turma de Educação Física mas também relativas ao desempenho das suas funções enquanto membro ativo da comunidade escolar, remetendo-o para a realidade da complexidade escolar. O desenvolvimento destas competências permitem ao Professor Estagiário estar preparado para a imprevisibilidade do futuro, onde poderá ser integrado em

contextos não familiares, que iram obrigar a adaptações apenas possíveis através das aprendizagens realizadas.

O Aprofundamento do tema/problema consiste numa reflexão e aprofundamento de uma questão dilemática com que o estagiário se tenha deparado ao longo do Estágio Pedagógico, uma questão que pretende assim ver esclarecida ou resolvida. Como tema, apesar de ao longo deste ano letivo me ter deparado com várias questões de difícil resolução e que mereciam uma reflexão mais aprofundada, escolhi “A inclusão dos alunos com necessidades educativas especiais na aula de Educação Física”. Como tal pretendi aprofundar esta questão, tanto através de pesquisas bibliográficas, como através de uma reflexão pessoal onde procuro perceber essencialmente o porquê destes alunos serem incluídos na aula de Educação Física, que medidas devem ser tomadas para a sua inclusão e por fim, uma lista de recomendações finais relativamente ao tema.

Este documento foi assim construído apelando à reflexão crítica por parte do Estagiário, não pretendendo no entanto este documento representar todo o trabalho realizado ao longo do ano letivo. Este documento pode-se assim considerar um complemento ao *dossier* de estágio, onde está todo o trabalho do Estagiário, representado através dos diversos documentos realizados ao longo deste ano letivo.

2. EXPETATIVAS E OPÇÕES INICIAIS EM RELAÇÃO AO ESTÁGIO

O Estágio Pedagógico apresentava-se como uma etapa essencial no culminar do meu percurso académico, o momento onde a teoria seria posta na prática e iria experienciar como seria estar do “outro lado”, passar de aluno a professor.

As minhas expetativas relativamente ao estágio eram de todo positivas, no entanto estava consciente que seria um ano de muito trabalho, um ano repleto de obstáculos que tinham que ser ultrapassados para completar a minha formação. Este Estágio foi visto como a primeira oportunidade de assumir uma nova realidade, a possibilidade de transmitir todos os conhecimentos adquiridos até este momento aos alunos, dando o exemplo não só ao nível da Educação Física mas também como modelo da nossa sociedade, sociedade essa que pretende formar indivíduos através da Escola onde os Professores são os modelos.

Várias dúvidas surgiram antes de iniciar esta nova fase da minha vida, dúvidas como “Serei capaz de controlar uma turma?” ou “Vou ser capaz de assumir o papel de Professor e demonstrar sempre uma postura correta” ou “Vou conseguir transmitir tudo o que sei aos meus alunos?”, no entanto apesar das dúvidas referidas e de muitas outras mais, uma coisa eu tinha segura, a minha disponibilidade total para o desenvolvimento da minha atividade, investindo no dinamismo e inovação no desempenho das minhas funções, estando sempre receptivo para aprender tudo o que ainda faltava saber.

A integração na Escola, no núcleo de Estágio e no Departamento de Educação Física da Escola era visto por mim como algo essencial para conseguir atingir os objetivos deste Estágio Pedagógico, tendo expectativa de conseguir estabelecer um tipo de relação com os diversos intervenientes desta minha experiência que me permitisse facilitar o processo de aquisição de novas competências, bem como ultrapassar todas as dificuldades que sabia que iria sentir. Uma vez que sabia que a minha experiência no papel de professor era bastante diminuta, sabia que todos os auxílios podiam ser importantes, sendo uma mais valia estar integrado num meio escolar onde os docentes possuem experiência de vários anos.

Ainda relativamente à questão da minha integração, ao longo do meu percurso escolar sempre vi a criação de um bom ambiente de trabalho como uma forma de facilitar a aquisição de conhecimentos. Como tal, apesar de numa fase inicial não conhecer os meus colegas estagiários, tinha expectativa de criar um bom ambiente de grupo, um ambiente onde existisse interajuda nesta fase difícil do nosso percurso académico, um ambiente onde um grupo unido fosse capaz de superar as dificuldades com cooperação, compreensão e trabalho. Dentro do Departamento de Educação Física contava com a disponibilidade dos professores para me auxiliarem no ensino da Educação Física, sabendo que a sua experiência seria de todo importante para adquirir conhecimentos essenciais para o desempenho do meu papel enquanto Professor da disciplina.

No que toca ao desempenho das minhas funções enquanto professor de Educação Física de uma turma, tinha expectativas de promover aprendizagens no âmbito de um currículo, no quadro de uma relação pedagógica de qualidade, integrando, com critérios de rigor científico e metodológico, conhecimentos das áreas que o fundamentam. Ao assumir o desafio de Professor Estagiário sabia que

deveria cumprir o compromisso em relação às aprendizagens dos alunos, tendo expectativas de o conseguir com sucesso apesar de os obstáculos que poderiam surgir provenientes da já referida falta de experiência no desempenho da função. Era visto como uma meta a atingir, obter o nível ideal de relação pedagógica com a turma e com os alunos, por forma a conseguir transmitir todos os conhecimentos sem existência de conflitos. Outro grande desafio seria a aplicação da avaliação nas suas várias modalidades, tendo expectativa de evoluir em relação a essa problemática. Em relação à transmissão de conhecimentos aos alunos, é importante que o Professor tenha a capacidade de diferenciar as aprendizagens, respeitando as características individuais de cada aluno.

Como grande objetivo final deste Estágio Pedagógico, pretendia adquirir conhecimentos e experiência ao ponto de ser capaz de desempenhar a função de Professor de Educação Física de uma forma competente, com a capacidade de integração em qualquer contexto escolar. Para tal sabia que adquirir conhecimentos ao nível do planeamento, intervenção pedagógica e avaliação seriam essenciais, bem como desenvolver a capacidade de adaptação, por forma a estar preparado para qualquer situação como docente que o futuro me possa reservar.

Concluindo as minhas expectativas iniciais, o Estágio Pedagógico foi visto como uma etapa muito importante, na qual sabia que muitas dificuldades iam ser sentidas, dificuldades essas para as quais estava preparado para superar com o máximo empenho e dedicação, por forma a conseguir adquirir todas as competências necessárias para concluir com sucesso a minha vida académica

3. CARACTERIZAÇÃO DO CONTEXTO

3.1. Corpo Docente

O corpo docente da Escola Nº2 de S. Silvestre é caracterizado pela sua vasta experiência, com muitos anos de Ensino. No entanto um corpo docente completamente recetivo à entrada de novos Professores na escola, mesmo com menos experiência.

Na primeira visita à Escola por parte do núcleo de estágio, após conhecermos o professor orientador Jacinto Silva, este fez questão de nos apresentar a muitos dos outros docentes da escola, nomeadamente aos elementos da direção e docentes do Departamento de Educação Física. Ainda durante esse dia, foi-nos dada a oportunidade de participar numa reunião geral dos docentes da escola, onde pudemos marcar assim a nossa presença acompanhados do nosso professor orientador. Ao longo do ano letivo, sempre que foram estabelecidos contactos com os docentes da Escola, estes revelaram grande simpatia e prontidão para auxiliar os estagiários, facilitando o desenvolvimento do nosso trabalho dentro da Escola. Estes contactos ocorreram em situações informais, conselhos de turma, organização e realização de atividades, festas e evento Escolares. As relações estabelecidas ao longo do ano letivo foram satisfatórias ao ponto de nos sentíssemos completamente integrados na escola e no corpo docente.

3.2. Grupo de Educação Física

O grupo de Educação Física da Escola Básica nº2 de São Silvestre inicialmente era constituído por 3 professores mais o núcleo de estágio, no entanto este grupo após o fim do 1º Período passou a ser constituído por apenas 2 elementos. Apesar de ter sido realizada a substituição do 3º elemento com a entrada de um novo professor, a presença deste na Escola não foi muito assídua, tendo sido assim a sua relação com o núcleo de estágio praticamente nula.

Apesar de todas as contrapartidas, a relação dos estagiários com o grupo de Educação Física foi sempre bastante positiva e produtiva, de onde podemos retirar ensinamentos importantes que foram sem dúvida contributos para a minha evolução tanto a nível profissional como relacional. Desde cedo que os professores pediram as nossas opiniões na tomada de decisões do grupo, tendo inclusive sido realizadas alterações no quadro de matérias nucleares de educação física com base numa sugestão do núcleo de estagiários, realizada em reunião.

Na organização e realização de tarefas o espírito de entre ajuda sempre esteve presente, havendo disponibilidade de parte a parte, tanto quando as atividades eram da responsabilidade do grupo de educação física ou quando eram da responsabilidade do núcleo de estágio.

Para além do contributo do professor Jacinto Silva enquanto orientador e membro do grupo de Educação Física, deixo uma palavra de apreço para a Professora Maria Augusta que sempre mostrou a sua disponibilidade para ajudar na minha evolução, proporcionando-me todas as condições favoráveis para um bom desempenho neste Estágio Pedagógico.

3.3. Núcleo de Estágio

No ponto de partida para este estágio pedagógico a minha relação com os restantes colegas estagiários era meramente de colegas de turma, sabendo no entanto que todos eles eram portadores de bons hábitos de trabalho e empenhamento. A minha participação e inclusão num bom grupo de trabalho era uma das minhas preocupações neste ano de Estágio Pedagógico uma vez que sabia que esse seria um passo importante para facilitar todas as minhas aprendizagens. A criação da ansiedade relativamente ao Estágio poderia ser atenuada com a presença de um grupo coeso, um grupo onde para além de colegas fossemos amigos, criando uma relação de compreensão e entreajuda entre todos. Felizmente posso afirmar que todas estas minhas expectativas relativamente ao núcleo de estágio foram cumpridas, um facto que foi determinante para o meu sucesso enquanto professor estagiário.

O núcleo de estágio da Escola Básica Nº 2 de S. Silvestre foi constituído por 4 elementos, sendo os meus colegas o Tiago Alves, a Marisa Amaral e o André Santos. Apesar de termos começado este ano com uma relação de meramente colegas, acabamos com uma relação de amizade, fruto da entre ajuda, competência e profissionalismo de todos os elementos.

3.4. Orientador da Escola

No primeiro encontro do Núcleo de Estágio em reunião na Faculdade de Desporto da Universidade de Coimbra, foi-nos fornecido o contacto do nosso professor orientador da Escola, o professor Jacinto Silva, com o qual deveríamos procurar comunicar por forma a nos apresentarmos na Escola. Ao ser realizado este

contacto, prontamente mostrou a sua disponibilidade em nos conhecer, sendo que nos dirigimos de imediato a S. Silvestre.

Na sua receção prontamente mostrou ser uma pessoa disponível e preocupada connosco, fazendo os possíveis para nos integrar de imediato no contexto escolar, através da apresentação aos restantes docentes e uma visita guiada pela Escola e principalmente pelo nosso espaço de trabalho. De forma breve esclareceu-nos de como se iriam processar as primeiras semanas de trabalho, esclarecendo-nos sobre todas as dúvidas existentes e arrefecendo a nossa ansiedade perante esta nova etapa das nossas vidas.

O professor Jacinto Silva é um docente com bastante experiência a este nível, sendo uma prática regular a sua orientação a professores estagiários. Facilmente foi possível perceber que essa experiência se traduz em rotinas de trabalho, rotinas de trabalho que desde cedo nos foram inculcadas. Apesar dessas rotinas de trabalho, nunca fez questão de nos condicionar nas nossas escolhas ou definição de regras, dando-nos assim a liberdade para adotar as estratégias que considerávamos as melhores com a nossa turma e com os nossos alunos.

Ao longo deste relatório por várias vezes irei fazer referência ao Professor Orientador da Escola, o Professor Jacinto Silva, referindo-o principalmente como um dos principais potenciadores das minhas aprendizagens ao longo deste ano letivo.

3.5. Orientador da Faculdade

A orientação por parte Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra ao longo do Estágio Pedagógico ficou ao cargo do Professor Miguel Fachada.

Ao longo do primeiro ano do Mestrado do Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário tinha tido o privilégio de ter como docente o Professor Miguel Fachada, aulas nas quais nos habituou à sua disciplina, ao rigor e exigência, no entanto apresentando-se sempre como uma pessoa bem-disposta.

Nas suas primeiras presenças na Escola tive a oportunidade de estabelecer um maior contacto com o Orientador da Faculdade, tendo este sempre revelado um espírito crítico bastante apurado e pertinente, apontando os pontos positivos e

negativos da minha prestação, apresentado soluções e estratégias que deveríamos assumir para ultrapassar os obstáculos e melhorar a minha prestação.

A sua relação com os estagiários sempre foi uma relação bastante comunicativa, nas quais havia uma transmissão de conhecimentos que considero essencial. A sua boa disposição contribuiu de forma muito positiva para estabelecer uma boa relação com o núcleo de estágio, sendo uma pessoa pela qual sinto bastante respeito e admiração.

3.6. Recursos para a prática de Educação Física

No que diz respeito aos recursos disponíveis na Escola Básica nº2 de São Silvestre, nomeadamente aos espaços desportivos para a prática da Educação Física, esta Escola apresenta-se na minha opinião muito bem equipada, com um grande conjunto de materiais específicos que permitem o ensino de todas as matérias previstas no Plano Nacional de Educação Física. Esta grande quantidade de recursos facilitou a intervenção pedagógica por parte dos Estagiários, uma vez que raramente se colocou como um obstáculo. É de todo pertinente referir que o número reduzido de turmas na Escola fez com que raramente ocorresse a prática simultânea de várias turmas em Educação Física, não existindo a necessidade de criar uma rotação de espaços. Nos momentos em que essa sobreposição ocorria a política do Departamento de Educação Física sempre foi dar prioridade aos professores Estagiários para a escolha do espaço para lecionar a sua aula.

3.7. Turma

No início do ano letivo o Professor Orientador da Escola realizou a distribuição das turmas pelos estagiários, baseando-se esta escolha na experiência e disponibilidade de cada um de nós. Nesta distribuição foi solicitada a nossa opinião acerca de que turma seria mais ajustada ao nosso perfil.

A turma sobre a qual fiquei responsável foi a turma do 9ºA constituída por 13 alunos (9 raparigas e 4 rapazes), dos quais 2 alunos do sexo masculino eram alunos com Necessidades Educativas Especiais (NEE). Desses 2 alunos apenas um

apresentava limitações na prática da Educação Física, podendo o outro aluno estar integrado totalmente nas aulas.

As informações que recebi acerca da turma foram relativas à sua motivação para a prática da Educação Física, sendo que era uma turma muito pouco motivada na prática da disciplina, principalmente ao facto de ser constituída por um grande número de elementos do sexo feminino. Para além deste facto a turma apresentava dificuldades de uma forma geral, não tendo problemas de indisciplina nas aulas.

Com as informações que me foram transmitidas rapidamente percebi que iria ser essencial a criação de estratégias de motivação para esta turma, sendo essencial proporcionar um bom clima no momento da intervenção pedagógica que fosse propício à evolução dos alunos.

Relativamente ao aluno NEE, as informações recebidas apenas se prendiam com o facto de este não conseguir realizar a aula de Educação Física de forma normal e completamente integrada, havendo uma grande falta de informação principalmente devido ao facto de este aluno apenas ter entrado na Escola no fim do ano Escolar transato.

4. DESCRIÇÃO DAS ATIVIDADES DESENVOLVIDAS

4.1. Planeamento

O planeamento aparece para o professor como um ponto de partida com o objetivo de desenvolver um conjunto de instrumentos que facilitem o desenvolvimento do seu trabalho ao longo do ano letivo, de maneira a que seja possível clarificar o processo pedagógico, a fim de adequar os meios aos fins. É assim uma reflexão de todo um trabalho a desenvolver, tendo como base o Programa Nacional de Educação Física que deve ser adequado à realidade com que o professor se depara, refletindo acerca das características do meio social, da escola e dos alunos. Como tal, devemos também considerar o planeamento como um processo contínuo e flexível, podendo estar sujeito a alterações.

O planeamento caracteriza-se assim por um conjunto de decisões pré-interativas que o professor necessita de tomar no processo de ensino-aprendizagem, que

resultam num conjunto de documentos fundamentais para a preparação do ensino. Relativamente a estes documentos partimos do Plano Anual (longo prazo), passando para as Unidades Didáticas (médio prazo) e posteriormente para o Plano de Aula (curto prazo).

Plano Anual

Como ponto de partida para a construção do Plano anual, no início do ano letivo realizou-se uma reunião com o Orientador da e com o Departamento de Educação Física, com o intuito de rever os conteúdos a abordar, serem-nos fornecidas informações e documentos essenciais para a elaboração deste planeamento e como forma de auxílio na elaboração do mesmo.

O Plano Anual deve-se apresentar como um documento prático, no entanto rigoroso, que tem como uma das principais funções servir como um guia orientador do trabalho a ser realizado ao longo do ano letivo. Este documento deve contemplar estratégias que permitam uma aprendizagem dos alunos, através da Educação Física, nos diversos domínios, criando uma relação entre a sociedade, a escola e a aula. “É um plano de perspetiva global, que procura situar e concretizar o programa de ensino – no local e nas pessoas envolvidas.” (Bento, 1987)

A elaboração deste documento é assim o primeiro passo na preparação do ano letivo, sendo semelhante ao Projeto Curricular da Instituição onde o Estagiário se encontra a desenvolver o seu trabalho, no entanto, adequado à turma e tendo por base o Programa Nacional de Educação Física (objetivos e conteúdos a abordar).

Uma vez que o plano anual serve como orientação do processo de ensino-aprendizagem, este inclui uma contextualização, onde estão incluídas entre outras, informações relativas à turma. Esta contextualização foi um dos pontos de partida, para além dos já referidos, para o planeamento das matérias a lecionar ao longo do ano letivo, definição dos objetivos gerais e específicos, definição das estratégias e definição dos momentos e procedimentos das diferentes avaliações. O plano anual envolveu assim um grande conjunto de tomadas de decisão, principalmente na construção da periodização anual, onde cada estagiário definiu através do calendário escolar em que momento do período iria ser lecionada cada matéria, bem como os recursos temporais (número de blocos) respetivos.

O plano anual serve assim como um documento base para o ano letivo, sendo um documento de apoio essencial para a atuação do professor. “ No início do ano letivo, elabora-se o plano anual que constitui o primeiro passo do planeamento e preparação do ensino” (Bento, 2003). Apesar da sua realização no início do ano, é um documento que pode estar sujeito a reajustamentos.

Unidades Didáticas

As Unidades Didáticas são documentos que servem de base a toda a intervenção pedagógica, sendo uma forma de planeamento a médio prazo. A realização destes documentos tem como base o Programa Nacional de Educação Física, os recursos temporais, materiais e espaciais da escola, o Plano anual, e por fim, uma Avaliação Diagnóstica realizada à turma, Avaliação essa que permite construir um documento adaptado às necessidades da turma na modalidade em questão, sendo possível realizar uma diferenciação do nível dos alunos. Através do planeamento das Unidades Didáticas definimos *a priori* a orientação que vamos dar aos vários planos de aula, dando-lhes uma sequência progressiva e significativa, garantindo desta forma, uma coerência e uma continuidade do processo ensino-aprendizagem.

As Unidades Didáticas realizadas foram construídas com o objetivo de serem documentos de fácil compreensão, tornando-os assim de fácil consulta, uma vez que contêm informações importantes a ser utilizadas ao longo das aulas, nomeadamente na construção dos já anteriormente referidos planos de aula.

Apesar de todo o cuidado na elaboração da planificação, nem sempre é possível cumprir integralmente o planeamento realizado nas Unidades Didáticas em virtude do surgimento de imprevistos.

Na realização destes documentos sempre apresentei uma estrutura base, variando apenas o conteúdo. Consoante a matéria, foi realizada uma contextualização histórica, seguida de uma descrição detalhada das principais habilidades técnicas e componentes táticas que iriam ser abordadas ao longo da Unidade Didática. Foi também incluído um relatório detalhado da Avaliação Diagnóstica realizada à turma, bem como a respetiva tabela de valores, relatório esse que serviu de base para a definição de objetivos e construção da extensão e sequência de conteúdos. Para o atingimento dos objetivos propostos, houve uma reflexão acerca das melhores Estratégias a utilizar, sendo estas descritas em cada

documento. Neste ponto, foram também incluídas as Estratégias a utilizar com o aluno NEE. Por fim, destes documentos também fizeram parte progressões pedagógicas relativas às diferentes habilidades técnicas da matéria.

Concluindo, “As unidades didáticas são partes essenciais do programa de uma disciplina, constituindo unidades fundamentais e integrais do processo pedagógico, apresentando aos professores e alunos etapas claras e bem distintas de ensino e aprendizagem” (Bento, 1987).

Planos de aula

Em reunião com o Professor Orientador da Escola, o Núcleo de Estágio construiu uma estrutura comum para o plano de aula, tendo sido focados quais os elementos essenciais que este plano deveria conter. Após a realização desta estrutura comum, cada professor Estagiário adaptou a si, no entanto não desprezando os pontos fulcrais da estrutura comum.

O plano de aula, para além de ser constituído por um cabeçalho que apresentava informações essenciais como ponto de partida para o seu preenchimento, possuía uma estrutura tripartida (parte inicial, parte fundamental e parte final), onde eram colocadas as informações relativas à duração, objetivos, organização e critérios de êxito das tarefas a realizar. Uma vez que o plano de aula é de utilização sistemática, este foi sendo aperfeiçoado com o objetivo de se tornar um documento de maior utilidade e que apresenta-se informações cientificamente adequadas.

Este documento de planeamento a curto prazo permite ao professor estruturar a aula para que esta esteja organizada, preocupando-se essencialmente que os exercícios sejam planeados de forma a existirem transições rápidas, exercícios e progressões pedagógicas adequadas e elevado tempo de prática motora. Para que sejam documentos de apoio ao professor ao longo da aula, estes devem ser de fácil compreensão, contendo palavras-chave que facilitem a instrução e transmissão de feedbacks por parte do professor no momento de aula.

Apesar de os planos de aula serem um documento guia para o desenrolar da aula, nem sempre são executados de forma íntegra. Na prática os exercícios planeados podem não ter a resposta esperada por parte dos alunos, como tal, o Professor deverá procurar soluções (decisões de ajustamento) a fim de atingir os objetivos da aula. Assim podemos considerar que o plano de aula é um documento

auxiliar na atuação do professor, não sendo assim uma obrigatoriedade respeitar tudo o que foi planejado.

É de todo importante referir que após cada aula foram realizadas reflexões em conjunto com o professor orientador e os colegas estagiários observadores, onde era discutido o plano de aula e se a escolha das tarefas seria a mais adequada. Para além desta reflexão, um relatório crítico foi escrito após cada aula, refletindo acerca do impacto que a escolha das tarefas tinha tido sobre os alunos, uma reflexão acerca dos seus resultados, uma reflexão acerca do desempenho do professor e uma avaliação formativa relativa aos alunos. “A reflexão posterior sobre a aula constitui a base para um reajustamento na planificação das próximas aulas, uma vez que proporciona uma definição mais exata do nível de partida e procede a balanços que devem ser tomados em conta na futura planificação e organização do ensino.” (Bento, 1987)

É possível concluir que o maior dispêndio de tempo ao longo do ano letivo foi na construção dos planos de aula, uma vez que exigem uma reflexão profunda acerca da escolha das tarefas, exigindo muitas vezes reflexões pessoais e tempo de pesquisa, por forma a construir uma aula que seja a mais adequada à turma e ao momento da Unidade Didática.

4.2. Realização

Toda a construção do planeamento tem como finalidade a condução e realização do processo de ensino, sendo este o momento onde a teoria se cruza com a prática e verificamos se o planeamento está de acordo com a realidade com que nos deparamos. Para um professor que está pela primeira vez a dar aulas, este é sem dúvida o ponto que cria maior ansiedade e onde a evolução é mais notória.

No início do ano letivo foi tomada a decisão pelo núcleo de estágio e pelo professor orientador da escola, de que numa fase inicial do estágio iríamos observar todas as aulas dos nossos colegas e orientador. Esta decisão foi tomada com o intuito de rapidamente evoluirmos na nossa intervenção pedagógica, desenvolvendo o sentido crítico através da observação aos nossos colegas e, ao mesmo tempo, aprendendo com os seus erros, permitindo-nos assim evoluir não só com a intervenção nas nossas turmas, mas também através da observação. Não tenho quaisquer dúvidas que esta foi uma boa decisão por parte do Orientador da Escola

pelo do Núcleo de Estágio, uma vez que os momentos iniciais do ano letivo foram aqueles que criaram mais ansiedade, foram aqueles onde cometemos mais erros e foram aqueles onde senti que a minha evolução foi mais acentuada, uma vez que era a primeira vez que me colocava na situação de professor, cometendo erros que certamente não voltarei a cometer.

A qualidade e sucesso do processo ensino aprendizagem estão condicionados pelas várias dimensões envolvidas na condução da aula – Instrução, Gestão, Clima e Disciplina. “O docente eficaz é aquele que encontra os meios de manter os seus alunos empenhados de maneira apropriada sobre o objetivo, durante uma percentagem de tempo elevada, sem ter de recorrer a técnicas ou intervenções coercitivas, negativas ou punitivas. As quatro dimensões do processo Ensino-Aprendizagem estão sempre presentes de uma forma simultânea em qualquer episódio de ensino.” Sidentop (1998).

Instrução

Esta dimensão é de grande importância ao longo da aula, uma vez que uma má instrução tanto inicial como final ou antes de uma tarefa irá condicionar o desempenho dos alunos na aula em geral e nas tarefas propostas, podendo fazer com que não atinjam os objetivos planeados.

Relativamente a esta dimensão foram criadas rotinas com os alunos e foi realizado um trabalho de preparação antes da aula minucioso, por forma a cometer o menor número de falhas possível.

Na instrução inicial, insisti com os alunos para serem o mais pontuais possível, abordando-os todas as aulas na chegada ao pavilhão para os incentivar a equiparem com a maior brevidade possível. Por forma a conseguir transmitir todas as informações num curto espaço de tempo, comecei a selecionar os pontos-chave que queria transmitir à turma, focando essencialmente o objetivo principal da aula, os conteúdos e regras a respeitar. Na interação com a turma, recorri diversas vezes ao questionamento, aproveitando também para relacionar a aula em questão com as aulas anteriores, realizando assim integração da matéria.

Na instrução das tarefas, tentei ser sempre o mais breve possível, utilizando linguagem adequada e de fácil compreensão para os alunos. Nesta instrução fiz sempre questão de focar os objetivos e critérios de êxito da tarefa, referindo a organização que os alunos deveriam respeitar, bem como as regras de segurança se pertinente. A utilização de demonstrações após instrução foi uma constante ao

longo das aulas, fazendo questão de utilizar um modelo que fosse correto e de execução técnica exemplar para observação dos alunos, bem como esta ser realizada de forma visível e de vários ângulos. Na maioria das modalidades o modelo utilizado foi o professor, principalmente nas aulas iniciais, uma vez que os alunos não apresentavam uma correção satisfatória para a realização das mesmas. No entanto, sempre que possível foram utilizados os alunos como elementos da demonstração, valorizando-os e principalmente valorizando a evolução que apresentavam ao longo das aulas. Quando considerei que não existia um modelo correto para a realização de demonstração, recorri a suportes gráficos. À semelhança da instrução inicial, recorri várias vezes ao questionamento como método de ensino, focando essencialmente os alunos com maiores dificuldades, por forma a conseguir envolvê-los ativamente na aula, verificando se tinham assimilado os conteúdos e a instrução transmitida.

Relativamente à instrução final aproveitei sempre os momentos em que os alunos estavam a realizar as tarefas definidas para transmitir esta instrução, fazendo uma revisão dos conteúdos que tinham sido abordados ao longo da aula, utilizando na maioria das vezes o questionamento, bem como informar os alunos acerca das aulas seguintes.

Por forma a concluir a dimensão Instrução, é de todo importante referir os Feedbacks. Ao longo das aulas sempre tive atenção à minha circulação pelo espaço por forma a conseguir observar todos os alunos, após o início da tarefa observar o panorama geral da turma para detetar erros comuns e selecionar melhor os critérios de êxito para cada tarefa por forma a facilitar a transmissão de feedbacks através da consulta do plano de aula. Tentei ao longo de todas as aulas fazer notar a minha presença, transmitindo feedbacks constantes, feedbacks cruzados em caso de a turma estar bastante dispersa pelo espaço, verificar se o feedback tinha o efeito pretendido, incentivar constantemente os alunos à prática, entre outras. Ao longo das diferentes Unidades Didáticas houve a necessidade de transmitir diferentes tipos de feedback, principalmente devido ao facto de haver matérias para as quais alguns alunos apresentavam pouca motivação. Como tal, em matérias como a Ginástica de Solo e Badminton, houve uma maior incidência de feedbacks positivos individualizados, com o intuito de motivar certos alunos. Em matérias onde muitas vezes foi realizado um trabalho por estações, como o Atletismo e a Ginástica de

Aparelhos, houve uma maior necessidade de transmitir feedbacks cruzados, principalmente devido ao facto de a turma se apresentar mais dispersa. A realização de paragens na atividade para a transmissão de um feedback geral à turma aconteceu principalmente nas modalidades coletivas, mais frequentemente nas situações de jogo, onde senti que muitas vezes havia essa necessidade. Com a minha evolução foi possível notar um aumento do empenhamento motor dos alunos, bem como uma maior facilidade da sua parte em atingir os objetivos propostos, estando muito mais motivados na aula.

Gestão

Uma gestão eficaz na aula de Educação Física caracteriza-se por um comportamento do professor, que leva os alunos a envolverem-se nas tarefas da aula, prevenindo comportamentos inapropriados e usando o tempo de aula de forma eficaz. Para tal ser possível, o professor deve ser capaz de controlar o clima emocional da aula, gerir o comportamento dos alunos e gerir as situações de aprendizagem. Uma gestão eficaz de aula caracteriza-se por um elevado empenhamento motor por parte dos alunos, o que segundo Piéron (1996) “o empenhamento motor do aluno nas tarefas que lhe são propostas representa uma condição essencial para facilitar as aprendizagens”.

Por forma a atingir uma gestão de aula eficaz, desde o início do ano fiz questão de criar rotinas com os alunos, através de sinais sonoros e gestos, permitindo-me assim controlar mais facilmente os alunos, facilitando as transições entre exercícios. Antes do início da aula o material foi sempre montado e foram verificadas todas as questões de segurança, reduzindo mais uma vez o tempo perdido ao longo da aula, tornando as transições fluentes. Na interação com os alunos ao longo da aula tentei sempre transmitir entusiasmo, fornecendo muitos feedbacks positivos por forma a manter os alunos empenhados e motivados para a atividade na aula. O facto de a turma ser constituída por um número relativamente reduzido de alunos ajudou-me a prevenir os comportamentos de desvio, no entanto sempre tive o cuidado de na formação de grupos de não reunir alunos que poderiam criar comportamentos inapropriados ao longo da aula.

No momento do planeamento das aulas, principalmente na elaboração do plano de aula, a gestão da aula sempre foi um dos pontos sobre o qual refleti mais, esforçando-me para construir um encadeamento de tarefas que criassem poucos

episódios de organização, facilitando assim transições fluentes e um conseqüente melhor aproveitamento do tempo útil de aula.

Clima

Esta dimensão remete-nos para aspetos de intervenção pedagógica, relacionados com interações pessoais, relações humanas e ambiente. O facto de se conseguir manter um bom clima de aula favorece de todo a aprendizagem, permitindo um melhor controlo da turma e prevendo os comportamentos de desvio.

Ao longo do ano letivo apercebi-me que para um bom clima de aula seria essencial começar pela fase inicial da aula, demonstrando entusiasmo desde o momento da instrução inicial, interagindo de forma mais pessoal com os alunos. No aquecimento, muitas das vezes criei tarefas que envolvessem a cooperação entre os alunos, por outro lado na parte fundamental da aula foquei-me em criar situações de competitividade, conseguindo assim fomentar um bom clima de aula. Felizmente, a turma sobre a qual fiquei responsável sempre criou facilidades para atingir um clima de aula excelente, sendo que apesar das minhas preocupações iniciais relativamente a esta dimensão rapidamente desapareceram, uma vez que começou a ser algo que era criado naturalmente. A minha disponibilidade para a turma sempre foi total, fazendo inclusive questão de estar presente no Pavilhão de Educação Física até à saída de todos os alunos.

Disciplina

Esta dimensão diz respeito ao comportamento dos alunos na aula, estando esta dimensão intimamente ligada ao Clima, sendo fortemente afetada pela gestão e qualidade da instrução. Os comportamentos dos alunos podem ser considerados como apropriados ou inapropriados, sendo os últimos comportamentos fora da tarefa ou de desvio. Esta dimensão é essencial para o bom funcionamento da aula, sendo que um mau controlo da turma irá prejudicar significativamente a sua aprendizagem.

Ao longo das aulas tentei sempre ignorar os comportamentos fora da tarefa, intervindo no entanto sempre que necessário. Relativamente aos comportamentos de desvio estes foram sempre controlados, intervindo de forma repreensiva ou punitiva sempre que achava pertinente. Apesar de o comportamento da turma não ter sido um problema ao longo do ano letivo, em certas Unidades Didáticas decidi

colocar regras precisas e respetivas punições. A colocação destas regras permitiu-me ser justo, coerente, consistente e credível na aplicação de punições. Senti também que os próprios alunos ao se aperceberem que tinham tido um comportamento inapropriado na aula, rapidamente se desculpavam perante o professor e cumpriam a punição caso tivessem quebrado uma regra das definidas no início da Unidade Didática.

Relativamente à disciplina na aula, segundo Siedentop em 1998, “é importante porque os alunos aprendem melhor numa turma disciplinada. Não há nenhuma dúvida que um sistema de organização eficaz e boas estratégias disciplinares criam uma atmosfera na qual é mais fácil aprender”, como tal, uma vez que senti que consegui manter a minha turma disciplinada, senti que esse facto beneficiou de forma positiva o Clima de aula consequentemente beneficiando o processo ensino-aprendizagem.

Decisões de ajustamento

As decisões de ajustamento são alterações tomadas por iniciativa do professor, sendo uma capacidade essencial conseguir ajustar perante os resultados, uma vez que tal como já foi referido, todo o planeamento realizado é flexível. O planeamento a curto prazo, os planos de aula, muitas vezes não resultam como esperado, o que exige uma decisão eficaz do professor no momento da intervenção pedagógica.

Ao longo das aulas senti necessidade de tomar decisões de ajustamento por diversas razões, na maioria das vezes devido ao facto de não contar com o número de alunos que tinha planeado, outras vezes as tarefas propostas não obtinham a resposta que eu queria dos alunos ou até mesmo simplesmente porque os alunos atingiam o objetivo do exercício sem necessitarem do tempo planeado, o que obrigava à criação de uma nova tarefa. Estas decisões desenvolveram em mim uma capacidade de criatividade, bem como a capacidade de ajustar com qualidade, ajustes estes provenientes de uma boa observação dos alunos, capacidade de interpretar os resultados obtidos e capacidade de antecipar os problemas.

4.3. Avaliação

A avaliação é um elemento essencial em todo o processo de ensino uma vez que permite o seu desenvolvimento e ao mesmo tempo o seu controlo. Num docente de

Educação Física, a avaliação é uma das competências de maior importância. A avaliação da aprendizagem possibilita a toma de decisões e melhoria da qualidade de ensino, informando as ações em desenvolvimento e a necessidade de regulações. Avaliar permite-nos assim recolher informações pertinentes, válidas e fiáveis, sendo que através destas informações é possível examinar o grau de adequação com um conjunto de critérios adequados aos objetivos fixados previamente.

Em relação ao aluno, podemos afirmar que avaliar é: Determinar se possui os pré-requisitos necessários à abordagem de uma determinada matéria ou à entrada num novo ciclo de aprendizagem; Descobrir onde e em quê o aluno revela dificuldades de aprendizagem; Mostrar os resultados obtidos no final de uma aprendizagem e decidir sobre a estratégia pedagógica utilizada. Assim, na definição de Avaliação Pedagógica podemos definir três grandes categorias de funções: Avaliação Diagnóstica; Avaliação Formativa; Avaliação Sumativa.

Na avaliação em Educação Física devemos considerar três domínios: Domínio psicomotor (competências técnicas, táticas e físicas); Domínio sócio afetivo (atitudes, valores) e; Domínio cognitivo (conhecimentos).

Citando o Guia de Estágio 2011-2012: “O estagiário deve ter a capacidade de avaliar as aprendizagens dos alunos na sua dimensão diagnóstica, formativa e sumativa, construindo e/ou selecionando corretamente os processos, técnicas e instrumentos de avaliação para o efeito, no respeito pelos critérios de rigor, utilidade, fiabilidade e validade. Deverá ser capaz de realizar a avaliação inicial dos desempenhos, a diferenciação de níveis de prática e de necessidades específicas das turmas que leciona, no sentido de orientar as decisões de planeamento; deverá ser capaz de realizar uma avaliação formativa, através da seleção de técnicas e instrumentos adequados, utilizando a informação daí resultante na revisão da sua planificação do processo ensino-aprendizagem e na definição de estratégias de diferenciação e de ajustamento do ensino de modo adequado aos alunos; deverá ser capaz de efetuar uma avaliação sumativa das aprendizagens dos alunos, cujos processos e técnicas possibilitem a sua classificação (unidade didática, período, anual).”

Avaliação Diagnóstica

Tal como já referido, esta avaliação pretende verificar se o aluno possui aprendizagens anteriores e qual a sua posição face a novas aprendizagens,

possibilitando ao professor realizar uma previsão de dificuldades futuras e realizar o seu planeamento de Ensino.

Para a realização da Avaliação Diagnóstica o Núcleo de Estágio construiu um Protocolo de Avaliação Inicial, bem como tabelas de registo para a sua execução. Após o preenchimento das tabelas, os dados eram inseridos em suportes informático. Apesar da discórdia por parte dos Estagiários, a Avaliação Diagnóstica foi realizada no início do ano letivo para todas as modalidades. Esta foi realizada neste momento devido à política da escola, não nos sendo assim permitido efetuar outra opção.

O objetivo central na realização da avaliação diagnóstica foi então verificar o nível da turma e detetar casos específicos de dificuldades. Esta avaliação permitir-nos ajustar o planeamento às características dos alunos, sendo um elemento obrigatório para o desenvolvimento das Unidades Didáticas.

Avaliação Formativa

Esta Avaliação pretende determinar a posição do aluno ao longo do processo de ensino, possibilitando a identificação de dificuldades e posteriormente a criação de soluções. Esta avaliação não tem o objetivo de atribuir notas aos alunos, tratando-se mais de um “feedback” para o professor e aluno, com o objetivo de melhorar a aprendizagem em curso, localizando as dificuldades e descobrindo os processos que irão ajudar a atingir os objetivos pretendidos.

Ao longo das aulas esta avaliação foi sempre sendo realizada, tanto através do preenchimento de grelhas no que diz respeito a questões de pontualidade e assiduidade, como através do questionamento e observação aos alunos, onde podia retirar conclusões essenciais. No fim de cada aula, através do relatório crítico ao plano de aula refletia sobre a Avaliação Formativa, estando esta diversas vezes incluída nos referidos relatórios. Para inclusão na Unidade Didática, foi sempre elaborado um relatório de Avaliação Formativa.

A Avaliação Formativa permitiu-me realizar ajustes ao longo das aulas, fornecendo-me informações essenciais para a tomada de decisões de ajustamento, principalmente ao nível das Unidades Didáticas. Ao longo do ano senti a necessidade de realizar vários ajustes, o que acredito que contribuiu para uma maior evolução dos alunos, contribuindo assim para o sucesso do processo ensino-

aprendizagem. Senti também que este tipo de Avaliação me ajudou posteriormente na realização e concretização da Avaliação Sumativa, uma vez que me permitiu ter uma noção do nível dos alunos ao longo das aulas, havendo então uma confirmação de dados no momento da Avaliação referida.

Avaliação Sumativa

Seguindo a linha de raciocínio no parágrafo acima, a Avaliação Sumativa pretende ajuizar o progresso realizado pelo aluno no final de uma Unidade Didática, aferindo resultados já recolhidos de tipo formativo, obtendo ao mesmo tempo indicadores que podem permitir aperfeiçoar o processo de ensino. A realização desta avaliação é pertinente no final de qualquer segmento de aprendizagem, fazendo assim sentido ser realizado quando o percurso de aprendizagem se encontra na sua parte final. Esta avaliação torna possível a atribuição de um nível ao aluno no final da Unidade Didática, nível esse essencial para uma posterior atribuição de nível de final de Período.

A Avaliação Sumativa foi realizada através de observação da prática dos alunos, em situação de exercício critério ou situação de jogo. Estas observações foram registadas em grelha, uma grelha semelhante à da Avaliação Diagnóstica, uma vez que os itens de avaliação foram na maioria os mesmos. Este fato facilitou a comparação entre Avaliação Diagnóstica e Avaliação Sumativa, sendo assim mais clara observação da evolução dos alunos. Para além das observações referidas, no 1º e no 2º Período os alunos realizaram um teste teórico de avaliação sumativa, teste esse onde eram questionados os conteúdos que foram abordados ao longo das aulas. Todos os dados relativos à Avaliação Sumativa foram inseridos em programa informático, aferindo no fim do Período o nível do aluno.

Foi estipulado pela Escola Básica Nº2 de São Silvestre e pelo Departamento de Educação Física as percentagens na nota final correspondentes às 3 dimensões avaliadas, sendo elas: 65% no domínio psicomotor; 15% no domínio cognitivo e; 20% no domínio sócio afetivo. Relativamente aos alunos com necessidades educativas especiais os critérios estipulados eram diferentes, sendo eles: 40 % no domínio psicomotor; 5 % no domínio cognitivo e; 55 % no domínio sócio afetivo.

4.4. Componente ético-profissional

O desempenho do cargo de professor, neste caso professor estagiário, exige um conjunto de comportamentos de acordo com a posição assumida, exige que seja respeitada uma componente Ético-Profissional. Estes comportamentos devem ser centrados no respeito, rigor e profissionalismo perante toda a comunidade escolar e no desempenho da função que foi atribuída. Segundo o guia de estágio 2011-2012 “A ética profissional constitui uma dimensão paralela à dimensão intervenção pedagógica e tem uma importância fundamental no desenvolvimento do agir profissional do futuro professor. A ética e o profissionalismo docente são os pilares deste agir e revelam-se constantemente no quadro do desempenho diário do estagiário...”.

O núcleo de estágio desde cedo demonstrou comportamentos adequados para o cargo que estava a desempenhar, mostrando-se respeitoso com todos os elementos da comunidade escolar. Pessoalmente penso que esta componente foi completamente respeitada, assumindo de forma Ética e Profissional o cargo de Professor de Educação Física, revelando atitudes responsáveis e coerentes de acordo com a minha posição.

Ao longo do ano letivo sempre que solicitado pela Escola ou pelo Professor Orientador contribuí com a minha participação e apoio em diversas atividades, estando estado presente em atividades de Desporto Escolar, uma delas que envolveu deslocações para fora da escola, e convívios/festas da Escola. Relativamente às atividades organizadas pelo Núcleo de Estágio, tentei desempenhar o meu papel de organizador ao máximo, contribuindo com um impacto positivo na comunidade escolar, impacto esse manifestado por alunos e professores após a realização com sucesso destas atividades.

Relativamente a nível individual no desempenho da minha função enquanto Professor de Educação Física com o objetivo de produzir um ensino de qualidade, tentei ao máximo ser o mais profissional possível, existindo uma procura constante das melhores estratégias e métodos para a aquisição de conhecimentos por parte dos alunos e pelo atingir dos objetivos propostos. Fiz questão de promover sempre uma diferenciação na aprendizagem, mantendo os meus alunos motivados para a prática desportiva e para o processo ensino-aprendizagem. Sempre me apresentei aos alunos como um modelo a seguir, onde para além de ser professor que revela

conhecimentos e competências para o desempenho das suas funções, é um ser humano com valores que devem ser transmitidos aos alunos.

No que concerne ao trabalho de grupo e ao trabalho cooperativo, este foi uma constante ao longo deste Estágio Pedagógico, sendo assumidos compromissos no desempenho de tarefas, compromissos esses que fiz questão de honrar ao máximo, mostrando o respeito que sinto pelos meus colegas. Esta relação permitiu uma existência de ajuda entre os elementos do núcleo de estágio, o que trouxe benefícios para o sucesso do processo ensino-aprendizagem.

Concluindo este capítulo relativo à Ética Profissional, resta-me deixar uma breve referência aos Orientadores deste Estágio Pedagógico, pelos quais sempre assumi uma atitude de respeito, aceitando sempre as suas críticas de forma construtiva e assumindo sempre uma posição de total disposição para a aprendizagem perante os seus ensinamentos.

4.5. Justificação das Opções Tomadas

Ao longo do ano letivo houve a necessidade de realizar tomadas de decisão. Considero de todo pertinente justificar as decisões que foram tomadas, fazendo-o neste capítulo.

Na fase de elaboração do plano anual o Núcleo de Estágio deparou-se com a grelha de matérias nucleares a abordar do ano letivo 2010/2011 do Departamento de Educação Física. Ao analisarmos essa grelha, consideramos que deviam ser feitas alterações nas matérias a abordar para o 7º 8º e 9º ano (3º ciclo), uma vez que havia um número demasiado grande destas por Período, que considerávamos prejudicial para os alunos uma vez que cada uma delas ia ser abordada durante um curto período de tempo. Como tal, elaborámos uma proposta ao Departamento de Educação Física, proposta essa exposta em reunião do Departamento, onde reduzimos o número de matérias em cada ano. Essa proposta após apresentada foi aceite pelo Departamento de Educação Física, sendo assim já incluída a nova grelha de matérias Nucleares 2011/2012 no Plano anual.

Ainda no que toca à escolha de matérias, tendo como guia a grelha de matérias nucleares 2011/2012, cada estagiário teve a liberdade de realizar a sua periodização anual (duração e sequência das matérias). Na realização da minha periodização,

tive em conta diversos fatores que passo agora a referir: Avaliação inicial – através da avaliação inicial foi possível detetar quais as modalidades onde os alunos sentiam mais dificuldades, havendo uma tentativa de distribuir um maior número de blocos para essas modalidades. O facto de não ser necessário criar uma rotação de espaços, fez com que esse fator não se tornasse uma condicionante na escolha das matérias; Incentivo dos alunos para a participação no Desporto Escolar – por forma a incentivar os alunos para se inscreverem no Desporto Escolar, a primeira modalidade a ser lecionada no 1º Período foi o Basquetebol; Condições climatéricas/Estações do ano – tentei conjugar ao máximo a estação do ano com a prática das diferentes modalidades, escolhendo as matérias que tinham que ser obrigatoriamente lecionadas em espaço interior para o Inverno; Continuidades entre matérias – tomando como exemplo a ginástica de solo e a ginástica de aparelhos, apesar de serem lecionadas em períodos diferentes, estas foram planeadas uma a seguir à outra por forma a tirar o máximo proveito do desenvolvimento das capacidades físicas dos alunos (como a flexibilidade) e da evolução técnica em elementos que são comuns às duas Ginásticas; Motivação dos alunos – por forma a garantir uma maior motivação dos alunos, decidi que em certos momentos do Período iria haver intercalação de matérias; Recursos temporais semanais – uma vez que semanalmente disponha de uma aula de 45 minutos e outra de 90 minutos, decidi lecionar algumas matérias principalmente nas aulas de 90 minutos (ex. Basquetebol) e outras nas aulas de 45 minutos (ex. Atletismo);

Relativamente às matérias a abordar no 3º Período, após sugestão do professor orientador da escola, decidi na matéria de raquetes abordar exclusivamente o Badminton, uma vez que a matéria de ténis é uma matéria onde os alunos sentem muita dificuldade, havendo poucos blocos de aulas para o seu ensino.

No que toca à forma de abordagem e construção das diversas tarefas relativas às matérias nas diversas aulas, foi sempre realizada uma reflexão para que os conteúdos fossem abordados do simples para o complexo. Desta forma, os conteúdos base foram sempre consolidados antes de partir para as etapas seguintes, que envolveriam conteúdos mais complexos.

Em relação à estrutura das aulas, na parte inicial da aula de uma forma geral procurei realizar exercícios motivantes para os alunos, relacionados com a parte fundamental da aula por forma a cumprir o princípio de continuidade, com o objetivo

de aumentar de aumentar a temperatura corporal, havendo um aumento gradual das cargas aplicadas. Tomei também a decisão de incluir em todas as aulas o aluno NEE no aquecimento, uma vez que havia modalidades onde não era possível realizar a sua inclusão com o resto da turma durante a parte fundamental da aula. Como tal, nas modalidades coletivas a parte inicial da aula focou-se principalmente na exercitação das habilidades técnicas base, no entanto respeitando sempre os princípios a cima referidos. Nas restantes modalidades, onde o aquecimento não podia estar inteiramente relacionado com a modalidade em questão devido à impossibilidade de inclusão do aluno NEE, foram realizados jogos de carácter mais lúdico, jogos que no entanto eram pensados com base na modalidade a ser lecionada na parte fundamental da aula, envolvendo muitas vezes movimentos que proporcionavam continuidade.

Na parte fundamental da aula, realizei um esforço para manter os alunos em constante atividade motora, promovendo a motivação dos alunos para as tarefas propostas, favorecendo a sua aprendizagem. Muitas vezes propus um número mais reduzido de tarefas, com o intuito de rentabilizar o tempo útil de aula. Nas modalidades coletivas, após a aquisição das habilidades técnicas base da modalidade, foram introduzidas formas de jogo reduzido ou de vantagem numérica, criando a imprevisibilidade situacional e a necessidade de desenvolver a capacidade de velocidade de reação que muitas vezes não podia ser desenvolvida em situação de exercício critério. Relativamente às modalidades individuais, promovi uma aprendizagem por etapas, interligando posteriormente todos os gestos técnicos. Como exemplo, na Ginástica de Solo inicialmente foram lecionados os elementos de forma isolada, sendo de seguida interligados na forma de sequências. No atletismo, os movimentos foram primeiramente lecionados nas suas diferentes fases, sendo posteriormente exercitados na sua forma completa. Relativamente ao aluno NEE, sempre que possível este foi integrado na parte fundamental da aula, realizando habilidades técnicas da modalidade em questão com o apoio dos colegas ou de um professor assistente. Quando não era possível a sua inclusão nas tarefas durante este momento da aula, este realizava um percurso, percurso esse proveniente de uma lista de percursos que construí.

No que toca á parte final das aulas, tomei a decisão de tornar esta essencialmente um momento de relaxamento, na maioria das vezes através da

realização de alongamentos controlado por um dos alunos da turma, onde era realizada uma revisão de conteúdos e questionamento. O aluno NEE também era incluído nesta parte da aula, sendo-lhe incentivada a realização dos mesmos movimentos que os colegas.

Na abordagem às matérias por vezes senti a necessidade da utilização de Estratégias diferentes. Desde cedo através da Avaliação Diagnóstica foi possível constatar a heterogeneidade da turma nas diversas modalidades, heterogeneidade essa também proveniente do facto de a turma ser constituída por 3 alunos do sexo masculino e os restantes aluno do sexo feminino, 9. Nas modalidades coletivas optei na maioria das vezes por, na formação de grupos para tarefas de exercício critério, criar grupos heterogéneos promovendo principalmente a evolução dos alunos de nível inferior. Posteriormente, em situações de jogo reduzido, optei pela criação de grupos homogéneos, por forma a conseguir manter os alunos motivados na prática da modalidade, estando numa situação de jogo com alunos de nível semelhante. Relativamente às modalidades individuais, na maioria das vezes realizei trabalho por estações ou por grupos de trabalho, onde os grupos formados eram homogéneos. No entanto, em situações pontuais em que achava pertinente, recorri à formação de grupos heterogéneos. Ainda relativamente às matérias individuais, principalmente no Atletismo, em momentos de trabalho individual recorri muitas vezes à formação de vários níveis de dificuldade, onde cada aluno podia escolher o seu nível.

Por fim, relativamente à avaliação, tomei a decisão de utilizar o programa informático de inserção de dados de avaliação fornecido pelo professor orientador da escola, uma vez que após análise entendi que este era bastante útil e de todo pertinente para o contexto apresentado. Relativamente às grelhas de observação e registo, por vezes foi necessário realizar alterações nas grelhas que tinham sido construídas para a Avaliação Diagnóstica quando utilizadas para a Avaliação Sumativa, devido ao facto de terem sido lecionados novos elementos que não se encontravam presentes nessas mesmas grelhas.

5. REFLEXÃO FINAL

5.1. Aprendizagens Realizadas

Por aprendizagem entendemos um processo onde são adquiridas competências, habilidades e conhecimentos como resultado de estudo, experiência, raciocínio e observação. O Estágio Pedagógico foi o culminar de 4 anos de estudo, um culminar que envolve o confronto da teoria com a prática, sendo portanto um ano de muitas aprendizagens, principalmente derivadas da experiência e observação.

Em primeiro lugar, no que diz respeito ao planeamento a longo prazo (plano anual), houve a necessidade de realizar pesquisas locais, analisar a turma, o meio, a escola. Todas estas análises levaram-me a perceber a sua importância, o peso que o contexto tem no momento do planeamento. Na construção deste documento deparei-me com a necessidade de desenvolver as minhas capacidades de reflexão e crítica, tendo as correções por parte dos Professores Orientadores sido uma mais-valia para me aperceber dos erros que cometia e conseguir produzir um documento com maior correção.

No que toca à elaboração das Unidades Didáticas a minha evolução também foi notória, uma vez que passei a produzir um documento muito mais prático, desenvolvendo a capacidade de planear as matérias de uma forma adaptada ao contexto, conseguindo assim definir objetivos e o quadro de extensão e sequência de conteúdos com base na avaliação diagnóstica. Com a elaboração das diversas Unidades Didáticas senti que fui evoluindo, sentindo ao mesmo tempo a importância que o documento apresentava para o processo de Ensino-Aprendizagem.

Relativamente à elaboração dos planos de aula, de aula para aula estes foram aumentando a sua correção, tanto ao nível da escolha das tarefas a realizar como ao nível da definição dos objetivos e da seleção dos critérios de êxito para cada tarefa, tendo esta evolução sido refletida no momento da prática pedagógica, beneficiando o processo ensino-aprendizagem. Sem dúvida que a realização de um bom plano de aula é um excelente ponto de partida para o sucesso da prática pedagógica e, uma vez que me apercebi desse facto, senti a necessidade de evoluir cada vez mais neste ponto, sendo bastante criterioso e aplicando criatividade na

escolha das tarefas, tendo sempre em conta todos os fatores que estão envolvidos no sucesso da aula.

Apesar de terem sido realizadas aprendizagens a diversos níveis, sem dúvida que a intervenção pedagógica foi onde existiu uma maior evolução da minha parte, evolução que foi claramente sentida ao longo do ano letivo, sendo esta observável.

Refletindo acerca das aprendizagens que realizei ao nível da realização, com alguma facilidade consigo focar alguns pontos-chave onde evolui ao nível das diferentes dimensões. Relativamente à Instrução da aula, ao nível da instrução inicial comecei a questionar mais os alunos acerca da matéria e evolui na forma de apresentar de forma mais sucinta os objetivos da aula. Refletindo acerca da instrução para a tarefa, por forma a gerir de forma eficaz o tempo útil de aula, foi importante não perder mais tempo do que o necessário para a instrução da tarefa, para além de referir palavras-chave na instrução e apresentar os critérios de êxito de forma clara. Nas demonstrações passei a utilizar sempre o modelo mais correto, caso fosse um aluno a realizar a demonstração prontamente transmitir feedbacks, realizar demonstrações de vários ângulos para que os alunos possam observar bem o gesto técnico realizado. Ao nível do tom de voz, numa fase inicial este não era de todo o mais correto, podendo-se considerar monocórdico. Como tal passei a não utilizar sempre o mesmo tom de voz ao longo da aula e a tirar proveito de um aumento do tom de voz para focar pontos-chave. Ao nível dos feedbacks comecei a transmitir feedbacks cruzados ao longo da aula para fazer notar a minha presença, a utilizar sempre uma terminologia correta, a transmitir constantemente feedbacks positivos para criar um bom clima de aula, selecionar os momentos certos para a transmissão de feedback para toda a aula (paragem da tarefa), ter a capacidade de transmitir feedbacks em situação de jogo.

Ao nível da gestão da aula, esta evoluiu principalmente devido a um melhor planeamento, uma vez que comecei a encadear os exercícios de forma a perder menos tempo em transições, tentando manter os alunos em prática constante. Para além deste facto, criei cada vez mais hábitos e rotinas com os alunos ao longo ano que me facilitaram uma maior rentabilidade do tempo útil de aula.

Ao nível da disciplina, saber os momentos certos para ignorar um comportamento inapropriado e saber quando punir um aluno foram pontos onde evolui, aprendendo

também a criar regras que facilitem o sucesso da aula, acima de tudo prevenindo comportamentos de desvio.

Outro ponto onde também realizei aprendizagens foi ao nível do meu desempenho com o aluno NEE: na escolha dos momentos para acompanhar o aluno ao longo da aula, inclusão do aluno ao longo da aula, saber manter atenção constante à prática do aluno e ao mesmo tempo à prática da turma, conseguir gerir o tempo despendido em transmissão de feedbacks ao aluno/turma.

Por forma a promover o desenvolvimento cognitivo por parte dos alunos na Educação Física, desenvolvi estratégias mais eficazes do que aquelas que inicialmente punha em prática. Uma das estratégias desenvolvidas foi a utilização de elementos cognitivos na realização de uma tarefa, como é exemplo de em exercício critério no Triplo-Salto os alunos referirem o nome das fases no momento em que as estão a realizar. Por fim, relativamente à parte cognitiva dos alunos, a realização dos testes sumativos também foi uma capacidade que desenvolvi, tendo conseguido focar que partes das matérias era importante incidir nessas provas.

Ao nível das matérias muitas vezes senti necessidade de adquirir um maior número de conhecimentos, pesquisar acerca de exercícios e apelar à minha criatividade para a criação dos mesmos. Como tal, aprofundei bastante os meus conhecimentos relativamente a diversas matérias, nomeadamente ao nível da Ginástica de Aparelhos, Ginástica de Solo, Atletismo e Badminton.

Na realização das diferentes avaliações, senti desenvolver a minha capacidade de observação e atribuição de notas às habilidades técnicas, guiando-me por critérios de êxito. Esta evolução foi sentida inclusive nas avaliações sumativas do 2º Período, onde facilmente já sentia a capacidade para detetar o erro através de uma rápida observação, atribuindo um valor.

Concluindo este capítulo acerca das aprendizagens realizadas, sem dúvida que estas foram de grande valor para o meu futuro. Ao longo de todo o Estágio Pedagógico senti-me motivado para aprender e evoluir, principalmente pelo facto de saber que a minha evolução iria beneficiar a turma, uma vez que se refletia em todo o processo ensino-aprendizagem. Estas aprendizagens foram possíveis devido ao apoio dos meus colegas estagiários e professores orientadores, que através das suas observações e reflexões críticas me apresentaram os pontos sobre os quais

devia evoluir, apresentando também muitas vezes soluções para realizar uma aprendizagem rápida e eficaz.

5.2. Compromisso com as aprendizagens

A base da intervenção de um professor são os seus alunos, devendo ser assumida uma atitude de compromisso e responsabilidade, onde o professor deverá selecionar as melhores estratégias para promover o sucesso do processo ensino-aprendizagem, tendo a capacidade de construir um planeamento adequado às características e necessidades dos seus alunos, criando posteriormente condições para que esse planeamento possa ser posto em prática de forma eficaz.

O Programa Nacional de Educação Física é um documento base para todo o planeamento, servindo este como um guia no que toca aos objetivos que os alunos deverão atingir. No entanto, cabe ao professor adequar esses objetivos ao contexto onde se insere com vista a atingir o sucesso do processo ensino aprendizagem. Com o intuito de descobrir mais em relação aos alunos, principalmente no que se refere à disciplina de Educação Física, foi realizado no primeiro dia de aulas um inquérito caracterizante da turma, bem como um teste sociométrico. Com o preenchimento destes dados os alunos transmitiram informações essenciais acerca do seu gosto pela Educação Física de uma forma geral e o gosto por cada matéria em específico, bem como a sua relação com os demais colegas da turma. Estas informações foram de todo pertinentes e benéficas para produzir um planeamento ajustado às personalidades dos alunos, podendo inclusive ajudar a prever a formação de grupos de trabalho.

Para ser possível produzir um ensino de qualidade adaptado ao contexto, outro ponto fundamental é o conhecimento das capacidades psicomotoras dos alunos relativamente a cada matéria de ensino. Para a aquisição desse conhecimento foram realizadas as avaliações diagnósticas, permitindo não só criar uma ideia global do nível da turma em cada modalidade, como também detetar em que nível cada aluno se encontra, procedendo à diferenciação do ensino. As restantes avaliações assumem também um papel preponderante no que toca à adequação do ensino, assumindo a Avaliação Formativa um papel essencial na regulação do processo de ensino, permitindo ao professor realizar ajustes no planeamento

consoante a resposta dos alunos aos estímulos produzidos e conseqüente evolução. Através da avaliação sumativa podemos verificar se os objetivos delineados foram atingidos, permitindo ao professor realizar uma reflexão acerca da utilização das suas estratégias, retirando informações essenciais para planeamentos posteriores.

A construção do planeamento de curto prazo sempre teve em mente a resposta que seria produzida pelos alunos, procurando criar tarefas ajustadas aos vários níveis encontrados na turma, e procurando promover uma evolução da turma em geral e de cada aluno de forma individual. A elaboração destes documentos teve também o intuito de criar condições favoráveis à intervenção pedagógica, contribuindo assim para o sucesso das quatro dimensões.

A postura assumida pelo professor ao longo das aulas foi sempre de profissionalismo, procurando produzir uma capacidade de trabalho elevada para que os alunos nunca fossem prejudicados. Como tal, a intervenção pedagógica foi o ponto onde procurei desenvolver maiores capacidades para atingir o sucesso dos meus alunos, criando um clima de aula favorável à prática pedagógica, aplicando estratégias para os motivar ao máximo, mantendo-os sempre em prática constante ao longo da aula. Houve uma preocupação para utilizar feedbacks com qualidade e quantidade, distribuindo-os de forma igual por todos os alunos, tendo o objetivo de aumentar o seu empenhamento na aula e promover a sua evolução.

Para além de Professor de Educação Física, o Professor deve mostrar as suas qualidades enquanto pessoa e indivíduo da sociedade, fomentando o desenvolvimento sócio afetivo, fomentando a sua autonomia, criatividade, responsabilidade e a aquisição de valores morais e sociais. Como tal, sempre fiz questão de transmitir esses valores aos alunos, principalmente dando o exemplo e realizando chamadas de atenção quando observava algum comportamento que considerava incorreto, quer dentro como fora de aula. Outro ponto abordado foi o trabalho em equipa, tendo sido promovido ao longo das aulas bastante trabalho cooperativo entre grupos ou mesmo entre toda a turma.

Com o desempenho do cargo de professor estagiário vem a responsabilidade de assumir um compromisso com o desempenho dos alunos. Tenho perfeita noção que numa fase inicial cometi erros, erros que apesar de não serem graves podem ter prejudicado uma melhor evolução dos alunos, nem que seja de forma mínima. No entanto, o trabalho árduo e o empenhamento fizeram-me superar essas dificuldades,

proporcionando uma qualidade de ensino-aprendizagem bastante superior à inicial, beneficiando a evolução dos alunos na disciplina de Educação Física. A maior motivação para a minha superação de dificuldades foi saber que a minha evolução se ia refletir na turma, uma vez que iria ser capaz de produzir um ensino de melhor qualidade. Nesta reta final posso afirmar que consegui atingir os objetivos propostos no que toca à aprendizagem dos alunos, tendo sido assim um compromisso assumido e cumprido.

5.3. Inovação nas práticas pedagógicas

A busca da inovação em Educação Física deve ser uma constante, tanto ao nível do planeamento como ao nível da intervenção pedagógica. Fazer uso da criatividade para não cair na rotina é um passo importante para criar um clima motivacional positivo, devendo o professor ser capaz de inovar por forma a criar estímulos que tornem a aula mais atrativa para os alunos, promovendo o sucesso do ensino.

Ao longo das aulas, houve a necessidade de criar tarefas que desenvolvessem o sentido de autonomia do aluno, permitindo-lhe realizar escolhas dentro de uma tarefa. Esta inovação nos estilos de ensino esteve principalmente presente na modalidade de atletismo, onde o aluno tinha a opção de escolher entre diversos níveis de dificuldade qual se adequava melhor a si, podendo autonomamente trocar de nível consoante a sua evolução.

Outra inovação realizada no mesmo sentido, foi a elaboração de uma sequência final de Ginástica de Solo. Através de suporte informático, foi entregue aos alunos um documento que continha regras para a construção de uma sequência de ginástica, em que estes podiam autonomamente criar a sua, colocando os elementos na ordem da sua preferência.

Nas aulas de Ginástica de Solo e Ginástica de Aparelhos foram utilizados meios gráficos de apoio à prática dos alunos. Esta inovação realizou-se com diversas finalidades, sendo elas: a presença de um esquema com a realização das ajudas em cada estação; a descrição de uma habilidade técnica para que os alunos pudessem observar a maneira correta da sua realização; informações relativas a sequências de elementos que os alunos realizariam ao longo da aula.

Por vezes houve a necessidade de inovar nos recursos materiais e espaciais que possuía, por forma a criar tarefas motivantes para os alunos e ao mesmo tempo conseguir retirar um grande tempo de prática motora da sua parte. Como tal, utilizei recursos materiais alternativos, como bancos suecos, nas aulas de Ginástica de Solo e Ginástica de Aparelhos, podendo assim realizar progressões pedagógicas de vários elementos, tendo a possibilidade de criar várias estações de trabalho. Outra inovação realizada foi a criação de um “praticável” de Ginástica de Solo para a exercitação e avaliação das sequências dos alunos, promovendo assim uma prática segura e ao mesmo tempo uma forma motivacional para os alunos, uma vez que o ambiente pretendeu aproximar-se do ambiente da forma competitiva da modalidade.

5.4. Dificuldades sentidas e estratégias de resolução

O facto de o Estágio Pedagógico ser a minha primeira experiência na docência e o primeiro ano de contacto com o meio escolar sem estar na posição de aluno, trouxe dificuldades acrescidas. Houve a necessidade de superar diversos obstáculos ao longo do ano letivo, superação que envolveu a busca de soluções e criação de estratégias. Pretendo neste capítulo apresentar de forma relativamente ordenada as dificuldades que fui sentido ao longo do ano letivo, apresentado também a forma como as consegui resolver.

A fase inicial do ano letivo foi aquela onde foram aparecendo mais obstáculos, gerados pela inexperiência, desconhecimento da turma, falhas na formação inicial e por vezes sentimentos como a ansiedade. Numa fase inicial do planeamento, senti dificuldades na construção dos diversos documentos, nomeadamente na definição de Estratégias eficazes para a turma, bem como na forma como deveria distribuir as matérias ao longo do ano. Mesmo após a realização da avaliação diagnóstica e ter feito várias buscas de informação acerca da turma, havia dificuldades na criação de tarefas, uma vez que não sabia se estas iriam resultar na prática. Para a resolução destes problemas procurei a ajuda do meu professor orientador, uma vez que este já possuía conhecimentos acerca da turma e um nível de experiência bastante elevado no planeamento, que me ajudou fazendo correções essenciais para que fosse possível construir documentos exequíveis. Outra forma para encontrar a resolução

destes problemas iniciais foi a consulta de documentos referentes ao 1º ano de Mestrado, onde pude rever conteúdos importantes e úteis para o planeamento.

No planeamento a curto prazo, referindo-me portanto aos planos de aula, inicialmente a atribuição do tempo correto às foi uma dificuldade, bem como a definição dos objetivos para cada tarefa. Para a resolução destas dificuldades, para além das críticas realizadas pelos professores orientadores que me ajudaram a perceber os meus erros, foi muito importante a reflexão crítica no fim de cada aula, principalmente como forma de me aperceber qual a duração correta que devia atribuir a cada exercício, percebendo assim se tinha sido a correta ou não.

No que se refere à intervenção pedagógica do professor, inicialmente senti dificuldades nos momentos de instrução e na transmissão de feedbacks. Na instrução muitas vezes era perdido muito tempo, enquanto que os feedbacks eram executados estes com a frequência desejada nem incidiam sobre os critérios essenciais na execução de uma tarefa, nomeadamente em situação de jogo nas modalidades coletivas. A resolução destas questões passou por realizar uma maior reflexão no planeamento a curto prazo, colocando-me muitas vezes na posição do aluno e fazendo uma previsão dos erros que provavelmente seriam mais cometidos, selecionando assim no plano de aula um conjunto de critérios de êxito essenciais para a tarefa e sobre os quais os meus feedbacks e instrução deveriam incidir. Para além desta dificuldade, um outro obstáculo à minha prestação a nível de transmissão de feedbacks foi não conseguir escolher o momento mais acertado para a paragem de uma tarefa, por forma a transmitir feedback para todos os alunos. Para superar esta dificuldade comecei a antes de iniciar a transmissão de feedbacks mais individualizados, observar de forma atenta o panorama geral da turma, apercebendo-me assim da existência de erros comuns que necessitavam de um feedback geral.

Para além dos pontos referidos acima relativos à intervenção pedagógica, o meu posicionamento e presença na aula inicialmente não eram os melhores, principalmente devido ao facto de ter presente na aula um aluno NEE. Através das reflexões do professor orientador e dos meus colegas apercebi-me dos erros cometidos, realizando de aula para aula um esforço para melhorar. Como tal, para resolver esta situação apostei numa postura mais ativa, transmitindo mais feedbacks cruzados para fazer notar sempre a minha presença, circulando de forma mais

correta pelo espaço mesmo quando em interação com o aluno NEE. Numa fase inicial o Professor Orientador da Escola procurou ajudar-me nesta gestão do aluno NEE, ficando por vezes a cargo do mesmo até eu ser capaz de evoluir e realizar esta difícil gestão. Felizmente o obstáculo foi ultrapassado, tendo sido esta uma boa solução para o problema.

A tomada de decisões de ajustamento foi um obstáculo inicial nas minhas prestações. Guiado pelo receio de cometer erros ao alterar as tarefas planeadas, por vezes retraí-me de tomar uma decisão de ajustamento ao longo da aula, mesmo quando sentia que uma tarefa não estava a ter o efeito desejado. Este aspeto foi focado pelo professor orientador e pelos meus colegas, apresentando-me as soluções para os erros que tinha cometido. Através das minhas reflexões críticas no fim de cada aula também me fui apercebendo da maneira mais correta de agir e quais as decisões de ajustamento que deveriam ter sido tomadas. Como tal, ao longo desta fase inicial fui ganhando confiança que apliquei na tomada de decisões de ajustamento com sucesso.

No que toca à realização das diferentes avaliações, o não conhecimento dos alunos na avaliação diagnóstica tornou-se uma dificuldade, bem como a inexperiência na realização deste tipo de avaliação que obrigava a competências ao nível da observação dos alunos. Esta dificuldade foi ultrapassada com a experiência, após as avaliações diagnósticas iniciais comecei a sentir uma maior capacidade observativa para a atribuição de valores aos alunos, sendo que o facto de já os conhecer ajudou-me bastante na evolução desta capacidade.

Na construção de Unidades Didáticas e no posterior ensino dessas matérias, senti dificuldades ao nível do conhecimento acerca da matéria, sendo uma dificuldade que tinha que superar rapidamente, por forma a não transmitir conteúdos errados aos meus alunos e ser capaz de construir tarefas adequadas para o seu nível. Para solucionar este problema efetuei pesquisas bibliográficas e pesquisas na internet, procurando sempre encontrar fontes oficiais (Federações) que me garantissem um conteúdo cientificamente correto. A observação de vídeos também foi uma estratégia que utilizei, por forma a aperceber-me da execução correta das habilidades técnicas que iria lecionar.

Como já referido, uma das dificuldades sentidas foi relativa ao aluno NEE da turma, na gestão do tempo despendido com o aluno e com o resto da turma, no

entanto esta não foi a única. O facto de haver muito pouca informação acerca deste aluno dificultou a produção de tarefas/percursos para o mesmo, não conseguindo prever também numa fase inicial em que tipo de matérias o aluno poderia ser incluído. Para resolver esta problemática, a conselho do professor orientador fui procurar mais informações acerca do aluno, nomeadamente com a sua professora orientadora e a sua fisioterapeuta. Através da realização destes contatos não consegui obter informações muito relevantes para além daquela que já tinham sido obtidas através da observação ao aluno. Uma vez que esta solução não era de todo satisfatória, voltei a procurar soluções com o professor orientador que me ajudou na construção de tarefas para o aluno e integração do mesmo nas aulas.

Ao longo do estágio pedagógico certamente que foram cometidos mais erros do que os acima referidos, no entanto erros esses que não considero como uma dificuldade, uma vez que foram erros de rápida resolução. De uma forma geral, as minhas dificuldades foram sempre ultrapassadas com o apoio do Professor Orientador da Escola e com a ajuda dos meus colegas estagiários que sempre se disponibilizaram em ajudar a ultrapassar todos os obstáculos.

5.5. Dificuldades a resolver no futuro ou formação continua

Sem dúvida que o estágio pedagógico foi uma etapa da minha vida escolar repleta de aprendizagens, aprendizagens importantes para o desempenho da função de docente no futuro. No entanto, se por um lado foram realizadas diversas aprendizagens, por outro também foi possível detetar lacunas e dificuldades que possam acontecer no futuro, devendo estas ser objeto de formação.

Ao nível das matérias, sinto que os meus conhecimentos devem ser aprofundados, nomeadamente ao nível das matérias alternativas. Futuramente será importante procurar formação ao nível de matérias como a dança, as lutas ou a orientação, pois apesar de não terem sido matérias que abordei neste Estágio Pedagógico, poderei ter que as abordar no futuro, necessitando assim de conhecimentos mais aprofundados ao seu nível.

Neste Estágio Pedagógico foi abordado o acompanhamento de um cargo de gestão. Este acompanhamento ofereceu-nos uma experiência que permitiu perceber quais e como devem ser desempenhadas as funções específicas do cargo. No entanto, uma vez que se realizou apenas o acompanhamento de um cargo, quando

for colocado numa posição diferente daquela que acompanhei poderei vir a sentir dificuldades. Assim, este deverá ser um ponto de formação futura.

A presença de um aluno NEE na turma de Educação Física foi uma experiência com a qual inicialmente não contava. Apesar de ter realizado pesquisas para suprimir as minhas dificuldades e ter conseguido superá-las, sinto que ao nível destes alunos deverei procurar mais formação. O facto de os alunos NEE poderem ter uma variedade de dificuldades para os quais não estamos preparados pode ser um grande obstáculo para a aula de Educação Física.

De uma forma geral, considero que a busca de conhecimento deve ser constante. O professor nunca pode dar a sua formação como acabada, devendo procurar realizar uma formação contínua, uma vez que a realidade e o contexto que podemos encontrar no futuro pode ser diferente do anterior, podendo exigir um leque de conhecimentos e competências que não são possuídos.

5.6. Capacidade de iniciativa e responsabilidade

Para o sucesso deste Estágio Pedagógico houve a necessidade de ter sempre presentes as capacidades de iniciativa e responsabilidade, refletidas tanto no trabalho individual como no trabalho de grupo. Estas são características que possuo enquanto pessoa e como tal, não tive dificuldades em aplica-las este ano letivo.

No desenvolvimento de todas as atividades ao longo do estágio, em aulas, eventos e atividades, apresentei responsabilidade no desempenho das funções que me foram atribuídas, com o intuito de dar o meu contributo para o sucesso do trabalho realizado. Contribuí através da minha iniciativa aliada à minha criatividade no desenvolvimento de ideias e resolução de imprevistos, mostrando-me sempre responsável no desempenho das minhas funções. Enquanto observador e membro deste núcleo de estágio, sempre tomei a iniciativa de ajudar os meus colegas sempre que necessário, fazendo os possíveis para contribuir para o seu sucesso neste Estágio Pedagógico.

Ao longo do ano, tanto no que diz respeito ao trabalho individual como ao trabalho de grupo, a minha responsabilidade refletiu-se em questões como a pontualidade e assiduidade, tanto na presença a reuniões, atividades, aulas, observações e

desempenho de outras funções, como na entrega dos documentos, tanto ao nível da Escola como ao nível da Faculdade de Desporto.

5.7. Importância do trabalho individual e de grupo

O desenvolvimento de dinâmicas de cooperação é um princípio base em qualquer área de atuação. Estas dinâmicas, produzidas através do trabalho em grupo, ganham posição de destaque no contexto escolar, um meio onde vários grupos cooperam entre si para o atingir de um objetivo comum, o sucesso escolar do aluno.

Relativamente ao trabalho de grupo enquanto membro do Núcleo de Estágio, este foi de crucial importância. Apesar de não conhecer os meus colegas estagiários antes de iniciar o Estágio Pedagógico, rapidamente foi criado um clima positivo entre todos. Este clima proporcionou a troca de ideias e experiências de grande valor para a minha aprendizagem. Sempre que senti alguma dificuldade procurei expô-la em grupo, incluindo o Professor Orientador, aceitando as sugestões que me eram apresentadas para ultrapassar o obstáculo, estando o meu grupo de trabalho atento para me ajudar a evoluir de forma positiva. Em matérias onde senti mais dificuldades e onde sabia que os meus colegas possuíam um maior conhecimento, muitas vezes trocamos ideias, sendo uma mais-valia para este Estágio Pedagógico e consequentemente para o sucesso do processo ensino-aprendizagem.

Para além do trabalho de grupo desenvolvido dentro do núcleo de estágio, este também esteve presente dentro do Departamento de Educação Física. No dia-a-dia escolar e na organização de atividades, a troca de ideias e principalmente de experiências dos professores com mais anos de serviço foram de grande valor, contribuindo para o sucesso das atividades. Este trabalho de grupo trouxe sem dúvida ensinamentos que serão uma mais-valia para o futuro enquanto docente.

O trabalho individual caracterizou-se essencialmente pela constante procura da aquisição de aprendizagens, dirigindo-se assim para aspetos relacionados com a minha turma, planeamento, pesquisas bibliográficas e ao nível da internet para conseguir produzir um ensino diferenciado. Os momentos de reflexão foram outro ponto do trabalho individual que considero de grande importância, uma vez que estes momentos permitiram-me refletir acerca dos meus erros e procurar soluções para a sua resolução. O trabalho individual permitiu-me assim melhorar a minha

qualidade de ensino, fazendo-me desenvolver e aperfeiçoar capacidades envolvidas no processo ensino aprendizagem, tornando-me um professor melhor.

5.8. Questões Dilemáticas

Ao longo deste Estágio Pedagógico foram surgindo questões sobre as quais nem sempre há uma resposta concreta, questões para as quais existem várias soluções. Estas questões dilemáticas merecem a nossa reflexão, sendo tomadas muitas vezes decisões com base na nossa opinião pessoal uma vez que não existe um consenso científico para a sua resolução.

A primeira questão com que me deparei e que foi alvo da minha reflexão foi o momento da Avaliação Diagnóstica. Na Escola Básica Nº2 de S. Silvestre esta avaliação é realizada nas primeiras semanas de aulas para todas as disciplinas sem exceção. Como tal, surgiu-me a questão de se seria o mais correto realizar a Avaliação Diagnóstica no início do ano de todas as modalidades que iriam ser lecionadas ou realizar a avaliação diagnóstica antes do início de cada Unidade Didática. Se por um lado a primeira opção nos permite realizar um planeamento a longo prazo com base nos resultados obtidos, por outro lado pode-nos induzir em erro, pelo facto de ao longo do ano as habilidades motoras do aluno poderem não ser as que este apresentou inicialmente, devido a diversos fatores como por exemplo, a participação do aluno num clube desportivo que lhe permita evoluir ao nível das suas aptidões e habilidades. Como tal, a Avaliação Diagnóstica antes de cada Unidade Didática dá-nos uma informação mais precisa acerca de cada aluno e da turma, uma vez que é realizada no momento em que se está a iniciar a Unidade Didática. Este facto também permite realizar uma prática contínua da modalidade, uma vez que à aula de Avaliação Diagnóstica se seguem aulas de prática da modalidade, permitindo uma maior aprendizagem motora por parte do aluno.

A segunda questão com que me deparei, esta no momento do planeamento a longo prazo, foi na construção da Periodização Anual para a minha turma. Esta questão era referente a se deveria lecionar as Unidades Didáticas sem interrupções ou se estas deveriam ser lecionadas de forma intercalada. A primeira opção traz benefícios aos alunos ao nível do campo da aprendizagem motora, uma vez que o ensino contínuo de uma matéria pode produzir benefícios na aprendizagem. Por

outro lado, lecionar matérias de forma intercalada torna-se mais motivante para os alunos, principalmente para aqueles que apresentam mais dificuldades, uma vez que provoca uma maior diversidade de aulas, não as tornando repetitivas. Relativamente a esta questão tomei a opção de ir intercalando as matérias, uma vez que a minha turma possuía elementos com um nível baixo em diversas modalidades, sendo importante usufruir de todas as estratégias possíveis para as motivar à prática da Educação Física. Nesta decisão também pesou o facto de a carga temporal semanal se distribuir por uma aula de 90 minutos e outra de 45 minutos, o que tornava de todo pertinente lecionar desportos coletivos nas aulas de maior período temporal e as modalidades individuais nas aulas de 45 minutos, tornando-as mais intensas.

Por fim, a questão dilemática que me surgiu e que considerei aquela sobre a qual deveria incidir uma maior reflexão, remete para a Inclusão dos alunos com Necessidades Educativas Especiais na aula de Educação Física. Esta questão provém do facto de eu me ter deparado com a inclusão de um desses alunos na minha aula, levantando diversas dúvidas que necessitavam de ser resolvidas. Como tal, decidi que esta questão iria ser o alvo da escolha do meu tema, tema que irei aprofundar mais a frente neste relatório final.

6. CONCLUSÕES REFERENTES À FORMAÇÃO INICIAL

6.1. Impacto do Estagiário na Realidade do Contexto Escolar

A importância que o estagiário dá ao Estágio Pedagógica é o ponto de partida para criar impacto na realidade do contexto escolar. O facto de o Núcleo de Estágio se apresentar como um núcleo dinamizador, criativo e acima de tudo responsável, são fatores que contribuem para o sucesso do trabalho realizado, sucesso esse que provoca impacto no contexto escolar. O facto de tanto a Escola como o Professor Orientador já estarem habituados a receber professores estagiários demonstra também que acreditam que a presença destes é benéfica para a Escola.

A realização das atividades já referidas e a participação nas restantes promoveram a nossa boa relação com todos os órgãos da escola, fazendo assim

notar a nossa presença para além do Departamento de Educação Física. Ao longo de todo o ano letivo a nossa presença responsável por diversos espaços informais da Escola foi constante, contribuindo para a formação dos alunos dentro e fora da aula. É de todo pertinente concluir que o Núcleo de Estágio provocou um impacto bastante positivo no contexto escolar, sendo este impacto uma forma de agradecimento pelas aprendizagens tão importantes que a presença naquela Escola nos proporcionou.

6.2. Prática Pedagógica Supervisionada

Ao longo dos capítulos anteriores por várias vezes que já fiz referência aos professores orientadores deste Estágio Pedagógico e à quantidade de dificuldades que estes me ajudaram a superar. A prática pedagógica supervisionada é sem dúvida a base deste ano de aprendizagem, sendo o trabalho dos orientadores de extrema importância.

Começando por referir o trabalho do orientador da escola, o Professor Jacinto Silva, este desde o início do ano letivo que apresentou um sentido crítico bastante apurado, sendo uma mais-valia a sua presença em todas as minhas aulas. No fim de cada aula as informações transmitidas tornaram-se muitas vezes a base da minha evolução, uma vez que as suas sugestões eram feitas com base na sua experiência e conhecimentos, produzindo assim grandes melhorias na minha intervenção pedagógica. A presença constante de alguém com muito mais experiência que eu enquanto docente, que tem já uma grande capacidade de observação e de detetar o erro, é obviamente uma mais-valia, fazendo-me refletir acerca de erros que através de reflexões individuais não iriam ser detetados. Na construção de todo o planeamento procurei sempre o Professor Orientador da Escola quando sentia dúvidas, tendo ele dado contributos bastante importantes e feedbacks essenciais para a construção desses documentos. Na realização das atividades a sua experiência também se fez valer, desenvolvendo na minha pessoa capacidades organizativas e estimulando a criação de novas ideias.

No que diz respeito ao orientador da Faculdade, o Professor Miguel Fachada, este marcou presença em algumas aulas que achou pertinente em cada período e nas atividades realizadas pelo núcleo de estágio. Nas suas presenças podemos

contar com o seu sentido crítico e o seu rigor, resultando reflexões bastante construtivas que contribuíram para a evolução de todos os estagiários. Nestas reflexões fez sempre questão de focar os pontos positivos e negativos da aula, procurando sempre oferecer soluções para os problemas detetados. Sempre foi pedida a nossa opinião acerca da aula antes de expor a dele, desenvolvendo o nosso sentido crítico. Nos momentos em que observou as aulas, transmitiu aos restantes observadores conhecimentos importantes relativos à aula, conhecimentos esses que me foram bastante úteis e irão continuar a ser úteis no futuro. Na presença nas atividades o Professor Miguel Fachada sempre se disponibilizou a auxiliar o Núcleo de Estágio nos preparativos e montagem do material, tendo sido esta uma atitude bastante agradável da sua parte.

Todas as reflexões que ambos os orientadores realizaram foram sem dúvida essenciais neste ano de Estágio. O acompanhamento realizado permitiu um melhor delineamento das estratégias a realizar para ultrapassar as dificuldades sentidas, tendo sido realizada uma transmissão de conhecimentos que serão importantes para toda a minha vida enquanto docente e como pessoa. É de todo importante referir que da parte dos Professores Orientadores sempre senti total disponibilidade para me receber e esclarecer as minhas dúvidas, tendo sido um fator para a criação de uma boa relação com os mesmos que facilitou a minha aprendizagem.

7. APROFUNDAMENTO DE TEMA/PROBLEMA – “A INCLUSÃO DE ALUNOS COM NECESSIDADES EDUCATIVAS ESPECIAIS NA AULA DE EDUCAÇÃO FÍSICA”

7.1. Justificação da Escolha do tema

Ao longo deste Estágio Pedagógico enquanto docente de Educação Física fiquei responsável por uma turma do 9º ano, turma a qual onde estavam incluídos 2 alunos com Necessidades Educativas Especiais (NEE). Por forma a perceber que tipo de alunos se tratavam, prontamente questionei o professor orientador da escola acerca destes alunos, sendo então informado que um deles não apresentava qualquer problema na prática da Educação Física, podendo assim ter uma inclusão completa ao longo das aulas, por outro lado o outro aluno era uma situação mais problemática

que teria quer ser lidada de outra forma, outra forma que não uma inclusão total com o resto da turma. No entanto, poucas mais informações havia acerca deste aluno, uma vez que tinha chegado à Escola no fim do ano escolar transato.

No primeiro dia de aulas, onde houve uma apresentação da minha parte à turma, de seguida foi realizada uma avaliação diagnóstica aos alunos relativamente à modalidade de basquetebol. Uma vez que ainda não conhecia a tipologia da deficiência do aluno NEE, no meu planeamento decidi incluir este na avaliação diagnóstica, num grupo onde poderia haver um controlo maior, com o intuito de perceber as suas capacidades. Com o desenrolar da aula rapidamente percebi que este tipo de inclusão não era possível com o aluno: este apresentava medo de grandes confusões, não tinha capacidade para a realização de uma tarefa de forma individual e autónoma e apresentava fraca capacidade de atenção no momento que lhe era transmitida uma instrução, não conseguindo manter-se em tarefa o tempo necessário. Este aluno iria fazer-se acompanhar de uma professora assistente ao longo das aulas, no entanto este acompanhamento não poderia ser realizado de forma permanente. Na procura de mais informações acerca do aluno, estabeleci contato com a sua fisioterapeuta e professores de educação especial, no entanto as informações que me transmitiram não foram de todo para além daquelas que já tinha adquirido através da observação do aluno, não sendo possível a consulta de mais documentos relativos ao mesmo.

Esta situação era algo para o qual estava totalmente desprevenido, pois apesar de ao longo do meu percurso académico ter recebido formação relativamente à Educação Especial, esta não contemplava o conceito de inclusão destes alunos no sistema do Ensino Regular. Várias questões se colocavam, desde, que tipo de tarefas iria planear para este aluno uma vez que não possuía informações sobre o seu desenvolvimento, capacidade de desempenho, como o iria incluir na aula de Educação Física, como iria promover a relação do aluno com os restantes elementos da turma e como iria lidar com a presença deste aluno na aula, uma vez que necessitava da minha atenção, atenção a qual que também tinha que ser constante ao resto da turma.

A colocação de todas estas questões e o facto de me deparar com esta situação inesperada fez-me querer refletir acerca deste tema, pretendendo assim criar um documento que para além de apresentar soluções para diversos problemas que a

inclusão dos alunos NEE colocam ao Professor de Educação Física, também pretende clarificar o porquê destes alunos serem incluídos no Ensino Regular, contextualizar o seu aparecimento. Como tal, este tema irá apresentar os seguintes capítulos: Enquadramento do surgimento dos alunos NEE na Escola regular; Reflexão sobre a inclusão dos alunos na escola regular; Estratégias adotadas ao longo do ano letivo; Avaliação e controlo do progresso dos alunos com necessidades educativas especiais; Adaptações na aula de Educação Física; Alunos NEE versus Turma; Recomendações finais.

É de todo pertinente referir que toda esta reflexão acerca deste tema não pretende retratar nenhum tipo de deficiência em específico, devendo ser entendida como uma reflexão acerca da inclusão dos alunos NEE. Como tal, todas as informações nela contidas quando adaptadas na prática devem sempre ter em conta a necessidade especial do aluno em questão.

7.2. Enquadramento do surgimento dos Alunos com Necessidades Educativas Especiais na Escola regular

Por Educação Inclusiva entende-se o Processo de Inclusão dos portadores de necessidades especiais ou de distúrbios de aprendizagem na rede comum de ensino. É importante contextualizar a Educação Inclusiva, para percebermos o tipo de alunos que constituem este grupo e a evolução histórica que levou à criação deste conceito. Assim, por forma a compreender de que forma se deu a inclusão deste tipo de alunos na escola regular, é importante fazer uma breve referência ao conceito do aluno com deficiência ao longo da história.

Do Homem primitivo à idade média o deficiente era eliminado à nascença, eram considerados castigos de Deus. “Os indivíduos que apresentavam qualquer “deformação física” tinham poucas chances de sobrevivência, tendo em vista a conceção dominante de que essas pessoas possuíam poderes especiais, oriundos de demônios, bruxas e/ou duendes malignos.” (Carmo, A. 1994). Com o aparecimento do monoteísmo, começou a existir proteção, derivada do princípio de adorar um Deus e amar o próximo, no entanto as pessoas com deficiência eram mantidas longe da sociedade.

Do renascimento ao século XIX surge a emancipação, acabando assim por surgirem escolas para deficientes visuais, auditivos, intelectuais, motores, autistas etc. No entanto, a educação especial ainda está separada da pública.

No século XX dá-se início ao ensino integrado. Na segunda metade deste século dá-se a normalização: criam-se condições de vida semelhantes a todos, tenta-se normalizar a vida dos deficientes através de estruturas arquitetónicas. A igualdade deve assim ser construída através do direito à diferença.

No ano de 1994 dá-se finalmente o aparecimento do conceito inclusão através da declaração de Salamanca. Esta declaração pretende criar uma sociedade única organizada por e para todos, principalmente no que diz respeito a uma Escola inclusiva aberta a todos.

Segundo R. David e N. Jorge (2010), relativamente a Portugal foi nos anos 90 que a política educativa integrativa se generalizou nas Escolas do ensino regular. O regime educativo especial foi assim definido e regulamentado pelo Decreto-Lei nº 319/91, prevendo a adaptação das condições em que se processa o ensino/aprendizagem dos alunos com Necessidades Educativas Especiais (NEE). Este diploma teve uma grande importância dado que criou uma nova realidade no sistema educativo, onde o aluno com NEE passou a ter o direito de aceder à classe regular. Está implícito nesta legislação que é a Escola que deve estar preparada para fornecer respostas adequadas à problemática do aluno de acordo com as suas características. Esta responsabilização da Escola obriga a uma flexibilização do processo ensino-aprendizagem. Progressivamente surgiu a necessidade da construção de uma Escola Inclusiva, na qual todos os alunos têm o direito de aprender juntos, independentemente das suas dificuldades ou diferenças.

Atualmente em Portugal está em vigor o Decreto-lei nº3/2008, revogando assim a legislação que até então existia, nomeadamente o Decreto-lei nº319/91. Na comparação entre estes dois documentos é importante referir que a população agora abrangida pelos serviços de Educação Especial passa a ser definida através da *Classificação Internacional da Funcionalidade* (CIF). A CIF é assim um sistema de classificação de saúde e dos estados relacionados com a saúde, sendo utilizada entre outros fins, na educação.

Para cada aluno visado pela Educação Especial deve ser construindo um documento único oficial, o *Programa Educativo Individual* – PEI. Este documento

deverá ser realizado por professores e psicólogos com o acordo da família do aluno, estabelecendo as respostas educativas e respetivas formas de avaliação.

Como tal, fazendo uma breve conclusão e estabelecendo a ponte com a Disciplina de Educação Física, o professor deverá estar preparado para a inclusão de um aluno NEE, desde que este tenha incluído no seu PEI a disciplina de Educação Física. As origens das dificuldades do aluno podem ser diversas, “as provenientes do foro clínico e as limitações significativas e permanente que se verifiquem nas diversas áreas da sua funcionalidade. Engloba alunos com deficiência, mas também outros com problemáticas como déficits cognitivos, hiperatividade e deficit de atenção, dislexia-disortografia, alterações comportamentais e da personalidade, entre outras, decorrentes de alterações estruturais do indivíduo” (Rodrigues & Nogueira, 2010).

7.3. Reflexão sobre a inclusão dos alunos na Escola Regular:

A observação proveniente do facto de possuir um aluno com NEE na minha turma e haver colegas estagiários que também se encontravam na mesma situação fez-me querer saber mais acerca do porquê da inclusão destes alunos no Ensino Regular. Será que de facto a questão se gera simplesmente à volta do facto de estes alunos terem o direito de ser tratados como os demais ou parte-se do pressuposto que o desenvolvimento individual em qualquer fase de desenvolvimento realiza-se numa fase inicial através do modelo de contingência? Neste modelo o alicerce principal consiste na capacidade de reconhecer no Outro a iniciativa lançada e responder-lhe de forma contingente, alternadamente, descobrindo assim uma reação prazerosa de causa e efeito.

É através de um Outro, “par/adulto” mais experiente que inicialmente temos acesso à cultura, formas de conhecer o mundo, de relacionamento, de agir. Numa primeira fase um outro mais experiente mostra como se faz, numa segunda fase fazemos alternadamente e finalmente cada um de nós realiza o que aprendeu já de forma autónoma. Assim sendo, faz todo o sentido que os alunos NEE assim que possível interajam e façam parte de uma realidade construída também através das diferenças.

Para percebermos a importância que a inclusão tem na aprendizagem do aluno é de todo fundamental percebermos que o alicerce que suporta a inclusão social

assenta no conceito de ZDP(zona de desenvolvimento proximal) que apresento sucintamente: “distância entre o nível de desenvolvimento real de uma criança (ZDR) – realização independente de problemas – e o nível mais elevado de desenvolvimento potencial determinado pela resolução de problemas sob a orientação de um adulto ou trabalhando com pares mais capazes (ZDP)” ou seja, a necessidade urgente de distinguir aquilo que a criança é capaz de realizar sozinha e em conjunto com um par/adulto mais experiente. Facilmente verificamos esta distinção na C.I.F., nos respetivos classificadores de desempenho e de capacidade.

Concluindo e assumindo que a minha posição enquanto docente é a de incentivo/promoção à inclusão destes alunos, o seu pleno desenvolvimento apenas é possível quando relacionados com um Outro, “Segundo Vigotsky o desenvolvimento cultural dos alunos e a sua aprendizagem são processos que têm por base a relação dos alunos com o professor e com outros alunos que apresentam competências mais elevadas.” (Fontes & Freixo, 2004). Assim, um aluno liberta-se do papel de mero recetor do ensinamento de um adulto/par mais competente, sendo também através desta relação que ambos adotam a responsabilidade do conhecimento e desempenho da tarefa. Segundo Fontes e Freixo em 2004, apoiando a inclusão do aluno na turma, “Vigotsky considerava que processos mentais superiores como a memória lógica, a atenção voluntária e o pensamento, não se desenvolvem em indivíduos isolados, mas em pares ou em grupos maiores.”

7.4. Estratégias adotadas ao longo do ano letivo

Ao longo do ano letivo foram adotadas diversas estratégias para interagir com o aluno NEE, tentando sempre promover ao máximo a sua aprendizagem, relação com os demais alunos e inclusão. Como tal, apresento agora aquelas que considero que foram as estratégias mais importantes ao longo do ano letivo:

- Criação de uma relação empática com o aluno: Desde o primeiro dia fiz questão de criar uma relação empática com o aluno. Desde cedo me apercebi que este seria o ponto de partida para tudo o resto;

- Proporcionar um clima de boas relações entre o aluno NEE e a turma: desde o início que foi explicado à turma quais as incapacidades do aluno NEE e os pontos que deveriam ter em atenção. Ao longo do ano letivo fiz questão de promover uma

bola relação entre a turma e o aluno, tanto ao longo da aula como nos momentos anteriores e posteriores (cumprimentarem-se, despedirem-se, etc);

- Realização de tarefas nos momentos anteriores/posteriores à aula: estes momentos eram aproveitados para realizar tarefas com o aluno de forma isolada, enquanto os colegas da turma ainda/já não estavam presentes. Nestes momentos eram introduzidas tarefas que o aluno iria realizar ao longo da aula ou na aula seguinte, envolvendo diferentes habilidades técnicas;

- Inclusão total do aluno nas atividades da fase inicial e fase final da aula: a maioria das atividades foram planejadas com o intuito de incluir o aluno nas mesmas, sendo muitas vezes incluídas condicionantes à turma para que o aluno NEE tivesse sucesso na tarefa;

- Delegação de responsabilidades aos alunos da turma na realização de tarefas do aluno NEE: ao longo das aulas eram delegados 1 ou 2 alunos para assistirem o aluno NEE na realização de tarefas. Estes alunos eram escolhidos de forma estratégica, como por exemplo, escolher os alunos mais evoluídos numa modalidade no momento em que a turma esteja a exercitar habilidades técnicas base ou alunos que por algum motivo não realizassem aula prática;

- Criação de estações de trabalho para a turma com base nas capacidades do aluno NEE: no trabalho por estações muitas vezes foram criadas estações onde o aluno NEE estava fixo e realizava um trabalho igual ou semelhante ao dos colegas;

- Criação de uma lista de percursos de obstáculos: foi criado um conjunto de 5 percursos que o aluno realizava ao longo das aulas, quando não era possível estar incluído nas tarefas com o resto da turma. Na realização destes percursos a assistência física ao aluno foi sendo reduzida gradualmente, tendo como objetivo a realização da tarefa de forma autónoma por parte do aluno;

- Utilização de um “sistema de recompensa”: por forma a motivar o aluno para a realização de tarefas e uma vez que este sentia grande atração pela bola, foi utilizado um “sistema de recompensa”. Por exemplo, quando o aluno realizasse o percurso definido para a aula 2 vezes, tinha direito a ir realizar lançamentos de basquetebol.

- Utilização de grande quantidade de feedbacks positivos;

7.5. Avaliação e controlo do progresso dos alunos com necessidades educativas especiais

“Por vezes os Professores de Educação Física estão desprevenidos até ao primeiro dia de escola onde vão ter um aluno com necessidades especiais nas suas aulas. Muitas vezes estes professores são deixados de fora do “círculo” de planeamento que é realizado para estes alunos. A falta de informação e comunicação acaba por ser frustrante mesmo para os Professores mais competentes e motivados.” (Lieberman & Wilson, 2002)

No que diz respeito à avaliação dos alunos NEE, antes da criança ser avaliada torna-se extremamente importante reunir todo o tipo de informação possível. Esta informação pode ser adquirida questionando os pais, professores anteriores, terapeutas, ou até mesmo elementos da administração da escola que possuam documentos importantes. Com a posse destas informações, poderá ser possível ao professor construir uma tabela descritiva das suas capacidades, que quando completada dará informações valiosas acerca da criança.

A avaliação realizada ao aluno deverá refletir com precisão o que o aluno consegue ou não fazer relativamente ao currículo. “Falhas no estabelecimento de relação entre a avaliação e o curriculum de educação física irá produzir programas que não se adequam às necessidades individuais dos aprendizes, tendo assim poucos benefícios para os participantes.” (Lieberman & Wilson, 2002). Esta avaliação deverá ser preparada e administrada com um propósito claro, por forma a desenvolver objetivos apropriados que possam realmente ajudar a aperfeiçoar e aumentar as habilidades do aluno. Para uma melhor identificação das capacidades do aluno, o Professor poderá recorrer à criação de *checklists* que incluam segmentos da habilidade em questão, dando informações detalhadas e precisas. A partir do momento que o professor obtém a informação do que o aluno pode ou não pode fazer, podem ser criadas atividades específicas e ser realizado um planeamento.

Será importante que os dados recolhidos na avaliação sejam válidos e fiáveis. Para tal, o Professor deverá ter atenção ao planeamento da Avaliação, criando tarefas que não envolvam condicionantes que desviem do objetivo principal da tarefa, bem como criar tarefas que produzam resultados consistentes independentemente de quando e com quanta frequência esta é realizada. Na maioria dos casos de alunos NEE não faz sentido realizar tarefas que não se

adequem ao dia-a-dia do indivíduo, devendo este fator ser tido em conta no momento do planeamento.

O facto de ser realizada uma avaliação permite aos Professores de Educação Física controlar o progresso do estudante. Posteriormente ao primeiro momento de avaliação será possível aos alunos e professor notar progresso individual. Assim que uma meta é atingida, outras podem ser desenvolvidas. Este processo é bastante motivante tanto para o aluno como para o professor. O controlo do progresso pode assumir várias formas. Uma muito simples será criar uma tabela individual de habilidades. Estas tabelas podem ser desenvolvidas para os alunos guardarem nos seus portefólios. O controlo do progresso assegura que o estudante está a trabalhar direcionado para metas e objetivos.

7.6. Adaptações na aula de Educação Física

Neste capítulo são apresentadas de uma forma geral o tipo de adaptações que deverão ser realizadas na aula de Educação Física para a inclusão de um aluno NEE, nomeadamente ao nível de como deve ser realizada a adaptação das tarefas para um aluno NEE e as consequentes modificações no equipamento, regras, ambiente e instrução que poderão ser realizadas.

Antes da criação de modificações na aula, o Professor deverá procurar estabelecer contacto com os pais do aluno neste sentido, uma vez que são uma ótima fonte de informação e podem transmitir ideias funcionais. Por outro lado, deverão ser partilhadas as modificações que tenham sido introduzidas com sucesso. Para a criança, a manipulação de algumas variáveis que a rodeia pode ser a forma de ter sucesso e assumir o controlo.

Para a adaptação de uma tarefa é necessário ter em conta alguns princípios básicos. Primeiramente, sempre que possível a criança deverá estar incluída nesta decisão, uma vez que a diferença relativamente aos outros alunos poderá não ser bem-vinda. Será também importante dar o maior número de opções possível ao aluno uma vez que irão tornar maior a probabilidade de sucesso na atividade. O professor poderá optar por permitir ao aluno experienciar algumas alterações antes do início da Unidade Didática para que possa tomar as melhores decisões. Assim, será permitido à criança iniciar a Unidade Didática com sucesso e o professor poderá adaptá-la posteriormente se achar pertinente.

Relativamente a participação do aluno numa tarefa com o resto da turma, é de todo preferível que este realize uma participação parcial ou com assistência física em comparação com ficar fora da tarefa. A intensidade e frequência da assistência deverão ser diminuídas para o mínimo sempre que possível e de forma gradual. Assim, no início a atividade do aluno é regulada e auxiliada pelo professor, num processo de interação conjunto, de seguida é redefinida existindo um aumento progressivo da responsabilidade e capacidade do aluno sobre a atividade pretendida, e finalmente transita-se da regulação externa (apoio físico) à autorregulação da realização conjunta da atividade à realização independente pelo aluno com o professor sempre presente para interações específicas.

Os alunos com incapacidades deverão ter disponíveis a mesma variedade de desportos, jogos e atividades recreativas que os seus colegas. Isto irá assegurar que os alunos aprendem várias atividades para a vida e uma variedade de habilidades. O facto de praticarem as mesmas atividades que os alunos considerados normais, irá também permitir que os alunos NEE se sintam mais integrados.

As adaptações devem ser contínuas e continuamente avaliadas, não devendo ser uma ocorrência única. Esta consistência irá assegurar que quando a criança criar independência ou ficar frustrada, o instrutor possa modificar qualquer adaptação para ir de encontro às necessidades da criança. Passo agora a descrever 4 tipos de adaptações que podem ser realizadas na aula de Educação Física.

As primeiras adaptações referem-se a modificações no equipamento. Considera-se por modificações no equipamento qualquer modificação que dê uma maior taxa de sucesso ao participante na realização de uma atividade do que quando realizada com o equipamento pré-existente. Exemplos de modificações no equipamento são o uso de raquetes mais longas, bolas de som, cordas guia ou bolas mais macias.

Outro tipo de modificação que o Professor de Educação Física pode realizar são as modificações nas regras. É considerada modificação nas regras qualquer uma que desvia das regras originais do jogo ou culturalmente aceites. Pessoas com incapacidade podem necessitar de adaptações nas regras para que possam ser incluídas com sucesso, sendo assim estas consideradas condicionantes que o Professor coloca em situação de jogo. Exemplos incluem a diminuição do ritmo de um jogo, retirar as regras, permitir que não tenham defesa, tornar obrigatória a envolvimento de toda a equipa antes da marcação de um ponto. O Professor pode

querer moldar a tarefa completamente para uma pessoa em específico em vez de apenas modificar as regras. Para muitas crianças a inclusão no jogo com regras tradicionais seria impossível.

Modificações no ambiente podem também ser necessárias para incluir com sucesso uma criança com incapacidades. Exemplos de modificações no ambiente são diminuir as distrações, aumentar sinais visuais, limitar o barulho ou alterar a iluminação. Estas alterações poderão aumentar substancialmente a quantidade de envolvimento na Educação Física dos alunos NEE.

Por fim, o Professor deverá considerar realizar modificações na instrução. Deverá modificar a forma como realiza a sua instrução para um pequeno grupo ou um individuo se considerar pertinente. Deverão ser respeitados alguns princípios momento da instrução, princípios que passo agora a referir. Relativamente à instrução verbal, esta deve ser clara e concisa, deve ser feita numa linguagem que o aluno compreenda, deve ser repetida de uma maneira diferente se o aluno não compreender e deve ser acompanhada por uma demonstração para assegurar que a criança compreende, caso tenha visão. Relativamente às demonstrações, estas devem ser realizadas por alguém o mais parecido possível com a criança (tamanho e capacidade) e devem ser demonstradas por fases: primeiro a tarefa completa, de seguida cada parte da tarefa e por fim outra vez a tarefa completa.

Ao longo das aulas o Professor deverá ver quais os estilos de ensino que mais se adequam à turma ou individualmente ao aluno, por forma a maximizar a aprendizagem.

7.7. Alunos NEE versus Turma

A inclusão de um aluno NEE numa turma vai inevitavelmente originar uma relação de causa-efeito. Cabe ao professor a responsabilidade de construir um cenário positivo, tanto para o aluno NEE como para o resto da turma.

A existência de preconceitos e mal entendidos é uma constante entre as crianças. A inclusão de um aluno que é diferente pode provocar atitudes de desprezo ou preconceito, prejudicando tanto a aprendizagem do aluno NEE como do resto da turma. Cabe então ao professor realizar uma preparação da turma para a inclusão.

Uma forma de preparação da turma é através da perceção da incapacidade. A realização de um programa de perceção da incapacidade consiste na participação

dos alunos em tarefas atividades que lhes permitam perceber a incapacidade do colega NEE. Estas atividades terão assim o objetivo de melhorar as atitudes das crianças sem incapacidade em relação as crianças incapacitadas. A realização deste tipo de atividades deve ser das primeiras situações a ser abordadas num ano letivo, uma vez que infelizmente, colocar alunos incapacitados em ambientes com estudantes sem incapacidade não garante aceitação social.

Na realização dos programas de percepção, o professor deverá respeitar certos princípios: Discutir o programa com todas as crianças com incapacidades na turma por forma a assegurar o conforto e entendimento; Avisar os pais acerca das atividades planeadas; Usar sempre o nome da pessoa antes da incapacidade; Não promover pena, promover a ideia de capacidade em vez de incapacidade e mostrar aos alunos o que as pessoas com incapacidades conseguem fazer; Realizar este tipo de atividades ao longo do ano escolar e ao longo da vida escolar dos alunos.

Relativamente à criação dos programas de percepção da incapacidade, Lieberman e Wilson em 2002 definiram um conjunto de três níveis para a criação de atividades. Estes níveis de percepção pretendem fomentar a aceitação e o entendimento relativamente aos alunos NEE. O objetivo do programa é que todos os alunos alcancem o último nível. Para que seja possível compreender o que deve tratar cada nível, passo agora a descreve-los de forma individual.

Relativamente ao Nível I, este contempla a exposição. As crianças são expostas a indivíduos com incapacidades através de vários métodos como: simplesmente descrever a incapacidade; convidar interlocutores que tenham alguma incapacidade; ler e distribuir artigos de jornal, livros ou literatura acerca de pessoas com incapacidade; ver vídeos acerca de pessoas com incapacidade. Esta poderá ser uma excelente forma para fazer com que as crianças entendam as incapacidades sem as deixar assustadas ou alarmadas. Desta forma desenvolve-se a capacidade de perceber as necessidades dos outros, e o desenvolvimento de recursos para lidar com a diferença.

O nível II refere-se à aceitação. Deve ser dada a oportunidade aos alunos da turma para experienciar a incapacidade por um curto período de tempo. As atividades deste nível podem incluir os alunos deslocarem-se numa cadeira de rodas, participar em atividades com restrição visual, tentar seguir instruções com audição limitada. A atitude que o professor apresenta perante a realização destas

atividades é o ponto-chave para o seu sucesso, sendo essencial que o Professor crie um clima positivo e confortável na introdução das atividades. Para tal, estas devem ser introduzidas de uma forma não ameaçadora, sem pena e informativa. Este tipo de atmosfera irá permitir aos participantes colocar questões, expressar preocupações, e tornar-se sensível aos obstáculos que os indivíduos com incapacidade se podem deparar todos os dias.

Por fim, e como objetivo final da realização de programas de percepção, o nível III que se refere ao domínio. Neste nível final de percepção, as crianças com e sem incapacidades tornam-se defensores das pessoas com incapacidade. Eles fazem questão de saber que as pessoas com incapacidades são tratadas de uma forma justa e com igualdade na sociedade e que têm estabilidade financeira, acessibilidade, independência e reconhecimento. É possível que haja casos de angariação de fundos ou criação de eventos destes alunos em parceria com outras associações, por forma a ajudar as pessoas incapacitadas. Os alunos ganham assim uma consciência social perante os alunos com Necessidades Educativas Especiais.

7.8. Recomendações finais

Na educação inclusiva, por forma a obter um bom desempenho o professor deverá introduzir uma metodologia que promova relações mais positivas entre os elementos de um grupo, uma vez que aumenta o espírito de grupo, aumenta a solidariedade e a cumplicidade nas relações, aumenta o respeito pessoal e académico. Como consequências diretas os alunos apresentam um fortalecimento do eu, um maior desenvolvimento social, um maior nível de integração e autoestima e uma maior capacidade de enfrentar e resolver problemas e tensões. De forma a tornar viável a concretização e desenvolvimento dos objetivos citados, será primordial adotar o conceito de aprendizagem cooperativa. Segundo Pujolas (2001) citado por Fontes e Freixo em 2004, o conceito de aprendizagem cooperativa é “um recurso ou estratégia que tem em conta a diversidade dos alunos dentro de uma mesma turma onde se privilegia uma aprendizagem personalizada que só será possível se conseguirmos que os alunos cooperem para aprender, em detrimento de uma aprendizagem individualista e competitiva”.

Dando continuidade a esta metodologia apresento um conjunto de recomendações finais provenientes da minha reflexão e experiência enquanto docente de uma turma de Educação Física com um aluno NEE:

- Procurar pelo máximo de informações possível acerca do aluno: este é sem dúvida o ponto de partida para a inclusão, uma vez que através destas informações de partida é possível antever como se irá realizar a avaliação diagnóstica do aluno. É essencial consultar a história e desenvolvimento pessoal e percurso escolar do aluno, para que o professor possa traçar o perfil do mesmo.

- Realizar pesquisas ou formações relativamente ao diagnóstico do aluno com necessidades educativas especiais obtendo informação específica e necessária para uma melhor inclusão.

- Criação de relação empática com o aluno: a base do trabalho deverá ser estabelecida através da criação de uma relação empática entre o aluno e o professor. Esta relação irá contribuir para a motivação do aluno ao longo do ano letivo e principalmente para que este cumpra as tarefas que lhe são atribuídas.

- Procurar reforçar a interdisciplinaridade através da inclusão do Professor de Educação Física numa equipa Multidisciplinar que esteja envolvida no processo de educação do aluno. O professor de Educação Física deve procurar e ser procurado para trabalhar em conjunto com os restantes docentes envolvidos no ensino do aluno NEE, principalmente os professores de educação especial;

- Realizar uma avaliação precisa, eficaz, válida e de fácil compreensão, que permita facilmente perceber as capacidades do aluno. Esta avaliação deverá permitir ao professor estabelecer a ponte entre o curriculum normal e a adaptação do currículo ao aluno NEE, construindo um planeamento de atividades específicas.

- No planeamento de atividades um princípio deverá estar presente, a boa aprendizagem é aquela que se encontra avançada em relação ao desenvolvimento, ou seja, compreender o que o aluno pode realizar sozinho e o que poderei desenvolver no sentido de ultrapassar o limite das suas capacidades. Em suma, promover um avanço da aprendizagem relativamente ao desenvolvimento real.

- Realizar um controlo do progresso do aluno e construir novas metas sempre que a anterior é atingida: estas metas devem ser elaboradas tendo sempre em conta que a linha de aprendizagem não é paralela à linha de desenvolvimento. Desta forma, os objetivos delineados devem ultrapassar o limite conhecido relativamente ao

desenvolvimento real. Este processo torna-se motivante para o aluno, podendo inclusive ser criado um portfólio onde o aluno poderá observar o seu progresso, reforçando positivamente as conquistas alcançadas.

- Criar adaptações na aula de Educação física: o professor deverá proporcionar ao aluno NEE um conjunto elevado de modificações ao nível do equipamento, regras, ambiente e instrução por forma a potenciar o sucesso do aluno.

- Tornar a experiência tanto enriquecedora para o aluno NEE como para os restantes alunos da turma: é importante realizar a perceção para a incapacidade com os alunos da turma, sensibilizando-os para as incapacidades do colega NEE e para a criação de valores enquanto elementos da sociedade que devem estar sensibilizados e preparados para o conceito de diferença.

- Abandonar a inclusão na aula de Educação Física apenas em última instância. O professor deve implementar ao longo do ano letivo diferentes metodologias e estratégias no sentido de ir ao encontro das reais características e necessidades do aluno. Assim, o Professor deve abandonar a inclusão apenas em último caso.

- Aproveitar sempre a parte inicial (aquecimento) e a parte final da aula para promover uma inclusão total do aluno: Nestas partes da aula podem ser usadas situações mais lúdicas como jogos de aquecimento que promovam a integração deste aluno de uma forma completa na turma. Caso necessário, introduzir adaptações nesses jogos lúdicos para que o aluno NEE possa ter sucesso.

- Delegar responsabilidades aos alunos que não realizam aula prática: caso existam alunos que não estejam a realizar aula prática mas que possuam condições para acompanhar o aluno NEE no desempenho das suas tarefas, estes deverão ser responsabilizados para o seu acompanhamento. Com esta delegação de responsabilidades o professor garante uma maior liberdade ao longo da aula e ao mesmo tempo proporciona experiências importantes aos alunos não praticantes;

- Delegar responsabilidades aos alunos da turma na realização de tarefas do aluno NEE: este ponto surge no âmbito de facilitar o trabalho do professor e trabalhar a contingência no relacionamento interpessoal, delegando 1 ou 2 alunos para assistirem o aluno NEE na realização de tarefas. Estes alunos podem ser escolhidos de forma estratégica, como por exemplo escolher os alunos mais evoluídos numa modalidade no momento em que a turma esteja a exercitar habilidades técnicas base. Esta escolha vai permitir que os alunos que estão a

assistir o aluno NEE não percam etapas importantes na matéria e ao mesmo tempo permite que o professor possa estar mais atento à prática da turma e à transmissão de feedbacks. O professor deverá no entanto ter atenção para não escolher sempre os mesmos alunos, prevenindo que estes percam a motivação ao longo da aula;

- Criação de estações de trabalho para a turma com base nas capacidades do aluno NEE: o professor poderá no trabalho por estações criar uma estação onde o aluno NEE esteja fixo e realize um trabalho igual ou semelhante ao dos colegas para o qual possui capacidades. Por exemplo, se na modalidade de futebol o aluno consegue realizar o remate, o professor poderá criar um trabalho por estações no qual uma das estações exercite exclusivamente esta habilidade. Esta estratégia vai criar um maior sentimento de inclusão por parte do aluno NEE, bem como facilitar o apoio por parte da turma na execução da tarefa, uma vez que haverá rotatividade;

- Gerir de forma eficaz o tempo passado com o aluno NEE/Turma: considero este ponto de extrema dificuldade uma vez que a minha experiência me causou obstáculos a este nível. O professor de Educação Física deverá conseguir dosear o tempo despendido em interação com o aluno NEE e com o resto da turma. Para tal, o professor deverá produzir estratégias que lhe permitam controlar a turma e ao mesmo tempo o aluno NEE;

- Transmissão de feedbacks positivos para motivação do aluno: o professor deverá tentar ao máximo interagir com o aluno NEE através de feedbacks positivos e sinais, motivando-o para a sua prática ao máximo. Outra forma de motivação é fazer com que a turma interaja com o aluno de forma positiva, por exemplo batendo palmas quando o aluno conseguir realizar com sucesso alguma tarefa;

- Criação de tarefas alternativas à modalidade lecionada: poderá de facto haver modalidades em que o aluno não consiga de todo ser incluído ou até mesmo momentos da aula onde apesar de o aluno apresentar algumas capacidades na modalidade, não seja possível inclui-lo na tarefa junto dos colegas. Como tal o professor deverá criar tarefas alternativas, que desenvolvam capacidades motoras do aluno num local ligeiramente a parte do resto da turma. Exemplo dessas tarefas são percursos de obstáculos que o aluno tenha dificuldade em superar, sendo realizados ao longo das aulas;

- Aproveitamento do tempo antes do início da aula e após o fim: uma vez que os alunos NEE não possuem as mesmas capacidades que os restantes alunos, muitas

vezes a sua atividade não se rege pelas mesmas regras que os restantes alunos. Com isto refiro-me às questões do tempo útil de aula e aos momentos em que a turma se equipa. Se o aluno NEE já se apresentar equipado à hora da aula (enquanto os restantes alunos se dirigem para os balneários) e se apenas se for embora ao toque de saída (enquanto os outros alunos estão nos balneários para efetuarem a sua higiene), este tempo pode ser aproveitado de forma útil. Estes momentos que o professor tem a sós com o aluno podem ser aproveitados para introduzir tarefas a ser realizadas nas aulas seguintes;

- Adaptação dos testes teóricos: caso o aluno NEE apresente capacidades motoras iguais ou similares aos restantes colegas, apresentando apenas défices a nível cognitivo, uma vez que este terá a capacidade de realizar de forma integra a aula de Educação Física com os colegas, a maior preocupação do professor será no momento da avaliação da parte cognitiva. Como tal, na realização de testes teóricos o aluno não deverá ser deixado de parte, mas sim realizar um teste adaptado de fácil resolução que promova o sucesso e estimule a parte cognitiva do aluno.

Ao longo deste estágio pedagógico questionei-me inúmeras e sucessivas vezes acerca das melhores metodologias/estratégias a adotar com o aluno NEE, no entanto desde o início ao criar uma relação empática e contingente com ele, facilmente percebi que esta era e foi o passaporte para poder trabalhar tudo o resto.

8. CONCLUSÃO

Concluído o Estágio Pedagógico, no qual após um trabalho árduo desenvolvido ao longo de um ano letivo onde diversas dificuldades e obstáculos foram superados com sucesso permitindo a aquisição de aprendizagens essenciais para o futuro, chegou o momento de refletir acerca das Expetativas Iniciais que foram apresentadas e refletir se estas se concretizaram na realidade.

As dúvidas sobre o controlo da turma, sobre a transmissão dos conhecimentos e o assumir de uma postura de professor perante os alunos, a escola e o meio, eram uma constante no início deste Estágio Pedagógico. Após a fase inicial do Estágio, a dúvida conseguiu dar lugar à certeza e o que antes eram sentimentos de receio e ansiedade passaram a ser sentimentos de autoconfiança e motivação. O confronto

com a realidade fez-me perceber que gostava da função que estava a desempenhar mas acima disso, possuía capacidades e qualidades para a desempenhar.

A integração enquanto professor estagiário no grupo de estágio, no departamento de educação física e na escola de uma forma geral também era uma preocupação da minha parte. Sabia que para o sucesso das minhas aprendizagens era importante estar integrado da melhor forma possível. Felizmente, esta integração ocorreu de forma positiva. Não tenho qualquer dúvida que esta integração contribuiu para a minha evolução enquanto docente, em todos os momentos senti que existia um clima de cooperação e interajuda, tanto no núcleo de estágio como na Escola em geral, sendo um facilitador do desenvolvimento do meu trabalho ao longo do ano.

Ao desempenhar a função de docente de uma turma, sabia que tinha um compromisso com as aprendizagens dos alunos. Sem dúvida que o mais importante para o Professor é o aluno e primeiro que tudo é no aluno que o Professor se deve centrar. De facto, assumi o compromisso com as suas aprendizagens, assumi e cumpri. Sinto que a minha função enquanto promotor das aprendizagens dos alunos foi cumprida, esforçando-me sempre ao máximo pela utilização dos melhores métodos e estratégias para o atingimento desse objetivo.

No que diz respeito ao Aprofundamento do tema/problema, este foi visto por mim essencialmente com o objetivo de ver esclarecido e procurar obter soluções para um grande problema com que me tinha deparado ao longo deste Estágio Pedagógico. Penso que esse objetivo foi totalmente atingido, futuramente a reflexão e pesquisas realizadas permitiram-me tirar conclusões importantes, conclusões essas transformadas na forma de recomendações.

O meu objetivo principal para este ano de Estágio, tal como referido nas expectativas iniciais, era ganhar competências que me permitissem o desempenho da função do docente, independentemente do contexto com que me possa deparar no futuro. Certamente que ainda existe a necessidade de realizar formação a vários níveis, no entanto, sinto completamente que o objetivo foi cumprido. No fim deste ano letivo sinto-me com capacidades de desempenhar as funções de docente, procurando no entanto evoluir cada vez mais, principalmente através da experiência e da formação continua.

9. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Bento, J. O. (1987). *Planeamento e Avaliação em Educação Física*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Carmo, A. A. (1994). *Deficiência física: A sociedade brasileira cria, “recupera” e discrimina*. Brasília: Secretaria de Desportos.
- Fontes, A & Freixo O. (2004) *Vygotsky e a Aprendizagem Cooperativa*. Lisboa: Livros Horizonte.
- *Guia de Estágio Pedagógico 2011/2012*. FCDEF-UC.
- Leal, M. (2005). *Finding The Other Finding The Self*. São Paulo: IPAF.
- Lieberman L. & Wilson C. (2002). *Strategies for INCLUSION: A handbook for Physical Educators*. State University of New York College at Brokport.
- Nobre, P (2011). *Documentos de apoio à disciplina Avaliação Pedagógica em Educação Física*. Coimbra: FCDEF-UC.
- Pieron, M. (1996). *Formação de Professores – Aquisição de Técnicas de ensino e supervisão pedagógica*. Lisboa: Edições FMH.
- Rodrigues D. & Nogueira J. (2010). *Educação Especial e Inclusiva em Portugal: Factos e opções*. Revista Educación Inclusiva Vol. 3, nº1. 97-109.
- Siedentop, D. (1998). *Aprender a ensinar la educación física*. Barcelona: INDE.
- Decreto-Lei nº319/91. D.R. nº193 (23-08-1991).
- Decreto-Lei nº 3/2008 . D.R. I Série, nº4 (07-01-2008).